

DOCUMENTÁRIO

MEMÓRIA HISTÓRICA SÔBRE CANANÉIA (*).

PARTE GEOGRÁFICA.

Capítulo I.

A SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE CANANÉIA.

SITUAÇÃO.

Cananéia está situada a 25° 00' 59" de latitude sul e 4° 45' 14" de longitude oeste do Rio de Janeiro, tendo a declinação o valor de 5° 55' para oeste, coordenadas essas encontradas pela Comissão de Estudos, organizada pelo govêrno de São Paulo no ano de 1914, sob a direção do dr. João Pedro Cardoso, diretor da Comissão Geológica e Geográfica do Estado.

ASPECTO GERAL.

O território do município é formado por uma estreita faixa de terras situadas no continente, e pelas três grandes ilhas de: **Cananéia**, **Comprida** e **Cardoso**, além das de menores proporções, como **Bom Abrigo**, **Camboriú** e **Castilho**, que se encontram no Oceano; da **Casca**, **Laranjeiras**, **Nanaú** e outras, nos mares interiores.

As de **Cananéia** e **Comprida**, que geralmente conservam uma altitude de 4 a 6 metros acima do nível do mar, são constituídas por uma rocha de piçarra, que se estende por tôda parte, aflorando em certos pontos, enquanto que em outros se aprofunda mais.

Apresenta-se a mesma coberta por uma camada de areia branca ou amarela, até nas margens dos rios, terreno êsse que se presta admiravelmente para a cultura de mandioca, arroz, feijão, milho, cana de açúcar, árvores frutíferas e até mesmo café, que aí se adapta muito bem, como se pode ver nos sítios próximos à cidade.

(*) . — Como indicamos na página 177 do número 33 da *Revista de História*, iniciamos agora a publicação do trabalho do Dr. Antônio Paulino de Almeida sôbre Cananéia, que continuará nos próximos números (*Nota da Redação*).

Na ilha Comprida existem altos cômodos de areia branca, o que lhe dá um lindo aspecto, quando vista do Oceano, o que talvez houvesse levado Gabriel Soares a chamá-la de — **Ilha Branca**. As referidas ilhas podem ser consideradas como a região dos sambaquis, os interessantes monumentos de nossa pré-história, e que, depois de desafiarem por longos séculos a curiosidade dos nossos cientistas, vão sendo destruídos por pessoas interessadas no seu aproveitamento comercial, sem a menor preocupação para com o farto material histórico que aí se encontra.

Tanto na ilha de Cananéia, como na ilha Comprida, todo o terreno é extraordinariamente plano, existindo apenas, em cada uma delas, um pequeno morro, defronte um do outro, tendo de permeio o Mar Pequeno, em cujo canal, nesse ponto, existe uma “lage” ou amontoado de pedras, o que deu lugar à opinião dos estudiosos, de que ambos, em tempos remotos, fôsem ligados, formando um só, que, por efeito de um fenômeno qualquer, viesse a repartir-se em dois.

Apenas o morro de São João, na ilha de Cananéia, possui alguns pequenos veios de água potável, servindo-se a população rural de águas geralmente salobras.

A ilha do Cardoso, ao contrário, é excessivamente montanhosa e dotada de numerosas cachoeiras. Sua fauna e flora, são riquíssimas. A baunilha é silvestre no pontal do sul, onde também se nota ótima pastagem natural em amplo vargado. Suas terras se prestam para qualquer espécie de cultura.

Com exceção das ilhas do Bom Abrigo, que também é montanhosa, e das pequeninas e desabitadas Camboriú e Castilho, — tôdas as outras são planas e arenosas, com boas terras para a cultura de cereais e cana de açúcar. Não possuem água potável. Em algumas delas existem boas madeiras de qualidade, como o guanandi e a caixeta.

Quanto à parte do município situada em terra firme, não passa de uma simples língua de terra, que partindo da barra do rio Cordeiro, na beira-mar, acompanha o seu curso, para depois seguir pela cumiada das serras de Itapitanguí e Cadeado, até alcançar a divisa com o Paraná.

Do antigo município de Cananéia, que então media 1387 quilômetros quadrados, é tudo quanto resta, depois das diversas mutilações por que passou, ficando reduzido, como já ficou dito, à pequenas áreas aproveitáveis, junto às serras, nas cabeceiras dos rios das Minas e Taquarí ou no varjão do Araçáuba, no distrito de Arirí.

Acompanhando essa faixa de terras, nas proximidades do mar e dos rios, observam-se grandes manguesais, que em certos pontos ocupam áreas enormes. Além disso, também devemos assinalar a existência de uma extensa área inteiramente perdida, junto às margens dos mesmos rios, área essa transformada em vasto pantanal, em virtude da obstrução do rio Piranga Preto e conseqüente transbordamento das águas nessa região. Por outro lado, finalmente, devido à falta de meios de comunicação, quase todos os lavradores dessa região abandonaram suas terras, fixando residência no rocio da cidade, para onde se transferiram, trocando a vida anterior pela profissão de pescadores de que hoje vivem, com prejuízos para a vida econômica do município.

DIVISAS.

Apesar dos documentos rezarem que suas divisas “eram incontestáveis”, até o ano de 1927 estavam sendo objeto de contestações com Iguape, por causa da lei de 5 de abril de 1870, que criara o distrito de Jacupiranga. Para o norte, começavam na Pedra de Nossa Senhora da Lage, a nordeste da barra do Sabaúna, daí partindo para o centro, em rumo de travessão, a noroeste, separando Cananéia de Iguape e Xiririca, até o lugar denominado — Areado, numa extensão de 16 léguas, aproximadamente.

A oeste, pela linha acima citada, entre Cananéia e Xiririca e pelo rio Guaraú, entre Cananéia de Jacupiranga. A leste o Oceano Atlântico, numa extensão de 96 quilômetros de costa e ao sul, pela linha imaginária que, dividindo o Istmo do Varadouro, passava por um pé de jarivá, indo ter ao meio da praia que vai de Ararapira a Superaguí. Porém, da questão de limites entre os Estados de São Paulo e do Paraná, resultou um acôrdo, consoante o laudo apresentado em 15 de junho de 1920, pelo então presidente da República, dr. Epiácio Pessoa, e convertida na lei n. 1803, promulgada a 29 de novembro de 1921.

Por êsse acôrdo, a sede do distrito de paz de Ararapira e parte do seu território, passaram para o Paraná.

Assim, para o sul, a linha divisória entre São Paulo e o Paraná, ficou sendo a que

“começa no Oceano, na barra de Ararapira, acompanha a curva do rio, passando no povoado do mesmo nome, até ao meio do Istmo do Varadouro, e aí busca o divisor das águas que correm à direita para o mar e canal de

Ararapira e à esquerda para as baías do Pinheiro e das Laranjeiras; seguia por êste divisor até ao alto da Serra Negra e por esta, até à altura do morro existente entre ela e a Serra da Virgem Maria; pelo cimo dêste morro às nascentes do Rio Pardo nesta última serra e pelo rio Pardo até ao Ribeira; sobe êste rio e depois o ribeirão de Itapirapoan, até às suas cabeceiras; ganha do outro lado da serra a nascente do Água Morta e continua pelos cursos dêstes do Itararé e do Paranapanema até o rio Paraná”.

Nas primeiras partes desta linha está compreendida, portanto, a divisa do município, ao sul.

*

Os documentos ainda hoje existentes nos arquivos de Iguape e Cananéia atestam o que acabamos de dizer sôbre o ponto de partida da linha divisória entre os dois municípios, ao norte.

Assim, no Registro das Pastorais, a fôlhas 67 e seguintes, com a data de 13 de abril de 1825, assinado por Manuel Joaquim Gonçalves d'Andrade, se encontra a cópia de uma circular respondida pelo Rev. Vigário João Crisóstomo d'Oliveira Salgado Bueno que sôbre as divisas de Iguape diz o seguinte:

Confina ao Norte com a Villa de Conceição de Itanhaen; á leste, com o Oceano; ao Sul, com a Villa de Cananéia; ao Sud'oeste com a freguezia de Xiririca; ao Oeste e Nord'este, com os Sertôens, que confinam com os districtos das Villas de Itapetininga e Sorocaba.

Hé dividida da Villa de Conceição de Itanhaen pela Barra do Rio-Yuna — que desagua no Oceano; da Villa de Cananéia pelo logar chamado — Entre ambos as aguas — segundo o Livro do Tombo, ou pelo rio Sabauma, como vulgarmente se diz: da Freguezia de Xiririca pela foz do Rio Juquiá que desagua na Ribeira ou por um penedo sito na mesma Ribeira, logo abaixo da mencionada foz do Juquiá: e das Villas de Itapetininga e Sorocaba, por matos e sertôens dispovoados (1).

O lugar ainda hoje conhecido pelo nome de **Tombo das Aguas** ou **Entre ambas as águas**, isto é, onde elas se dividem, entre Iguape e Cananéia, fica fronteiro à barra do rio Sabaúna e da pedra de Nossa Senhora da Lage.

(1). — E. G. Young, in *Revista do Instituto Histórico de São Paulo*, vol. II, pág. 116.

E' ainda o infatigável historiador iguapense quem nô-lo diz:

O unico Livro do Tombo desta Igreja (de Iguape) que existe nella, foi rubricado em 8 de Agosto de 1816.

Neste, ha, no começo uma descrição semelhante a do documento n.º 9 (a que nos referimos) e ha uma noticia da fundação de uma Villa entre Iguape e Cananéa (Documento n.º 11), porém ha um pequeno equivoco em relação á data, como é facil provar por um livro da Camara de Iguape folhas 7, onde ha termo da nomeação e estabelecimento da nova povoação de Nossa Senhora da Conceição da Lage de Sabaúna, em 7 de Janeiro de 1767 (2).

O documento n.º 11, a que se refere o mesmo historiador, é o seguinte:

Da Villa de Cananéa hé dividida pelo Rio Sabaúna q' desagua no canal ou mar desta Villa, na terra firme sinco legoas ao Sul, e bem q' pela fundação da Villa Nova da Senhora da Conceição da Lage, na ilha quase defrente a Barra do dito Sabaúna, erecta no anno de 1769 pelo Coronel Affonso de Sampaio, Ajudante das ordens do Governador Capitão General desta Capitania, Dom Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, fosse tirado á esta Villa parte do seu territorio; como a mencionada Villa Nova subestisse apenas dez annos, por falta de Parocho ou incapacidade do lugar, ou negligencia dos seus povoadores, tornou esta Villa e Freguezia á posse do seu antigo terreno, e o mesmo a Villa de Cananéa, donde se havia tão bem tirado parte do seu território, ficando outra vez por demarcação entre ellas a barra do dito Rio Sabauna (3).

No ano de 1836, solicitando-se informações ao juiz de paz de Iguape, José Bonifácio de Andrade, sôbre aquêlê município, declarou êle

“debaixo das informações dos Inspectores e de pessoas mais antigas, probas e de verdade, de quem as exigi para relatar circunstanciadamente, e hé o seguinte: “To-dô o terreno da Costa do mar alto desde a Jureia thé a barra de Capara, e desde esta barra thé esta Villa, pelo mar Pequeno, e desde a Villa thé o Rio Sabauma onde se dividem os termos com a Villa de Cananéa, consta que foi dado por sesmarias, etc.” (4).

(2). — Young, *op. cit.*, pág. 84.

(3). — Young, *op. cit.*, pág. 127.

(4). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. IX, pág. 320.

O dr. João Mendes, em seu **Dicionário Geográfico da Província de São Paulo**, assinala o referido rio como sendo a linha divisória entre êsses municípios e bem assim o declara o **Relatório** apresentado ao presidente da Província de São Paulo, pela Comissão Central de Estatística, publicado no ano de 1888, página 327.

O dr. Nabuco de Araújo, em seu **Relatório** de 1852, diz que as divisas de Cananéia são “incontestáveis”, tendo doze léguas de frente e de fundo grande extensão que se ignora.

Ainda a **Descrição Topográfica da Comarca de Curitiba**, cujo documento foi mandado registrar no ano de 1828 pelo Ouvidor interino, dr. Joaquim Teixeira Peixoto, na parte referente a Cananéia, diz:

“A Villa de Cananéia está situada ao sul de Iguape em huma pequena Ilha dentro da barra de seu nome, visinha ao continente.

Defronte tem huma outra Ilha raza que se prolonga desde a barra propria e da lapra na margem occidental do rio por onde navegam as embarcações para a Villa de Iguape com a qual se limita Civil e Eclesiasticamente pela referida barra do rio Sabaúma, ao Nordeste; e ao sul com a Villa de Paranaguá em distancia de vinte leguas por um isthmo que terá duas milhas mais ou menos, denominado Varadouro, tendo deste referido isthmo athé a Villa, dez leguas e desta a supra dita barra de Sabauna, seis; da barra desta Villa se prolonga outro braço de mar que flardea a elevada Ilha Cardoso que lhe demora a parte occidental, digo Oriental, seguindo seu curso athé encontrar-se com as aguas do Ararapira donde leva outro pequeno braço que chamão rio do Varadouro.

Presentemente não exige essa villa subdivisão alguma, attenta a sua pequena extensão e apoucada população que apenas chega a mil seiscentos e sessenta e quatro habitantes. Sua melhor produção é de arroz, porém, acha-se abandonada a cultura deste genero: sua exportação é mesquinha apesar do bom porto e seguro ancoradouro”.

Para concluir, citaremos ainda o Brigadeiro Machado de Oliveira que em sua **Geografia da Província de São Paulo**, publicada em 1862, referindo-se ao município de Cananéia, diz existirem os seguintes rios: **Ararapira, Araçatuba, Tapinhacava...** Cordeiro e Sabaúna. E acrescenta:

“Sabaúma, que tem a mesma origem e direção dos acima, desemboca no Mar Pequeno e marca a divisa dos municípios de Cananéia e Iguape”.

Referindo-se aos rios e canais navegáveis, ao tratar do Mar Pequeno, diz:

“Desembocam no Mar Pequeno varios rios originarios da serra de Aririaia, no continente, e entre elles é o Subauma que limita o municipio, que dá navegação por duas legoas, e cuja foz dista 4 do porto de Iguape. A este rio dá-se também o nome de “rio do Cordeiro”, desde a sua foz no mar Pequeno até que deixa de ser navegavel”.

Ainda com referência ao assunto, citaremos a

“descrição do Rio do Capara té Subaúma, limite do Destricto de Iguape, com a relação dos possuidores dos terrenos das margens deste Rio, em Fev.o de 1828”.

Trata-se de magnífico trabalho de registro de terras, feito pelo Chefe da Divisão Paulo Freire de Andrade, cujo original se encontra no Departamento do Arquivo do Estado. Nele afirma o seu autor:

“Na distancia de quasi uma legoa da Villa de Iguape, onde está o pequeno rio Sorocaba, que d’ahi a 3 para 4 legoas se encontra o rio Subauma, que hé até onde chega, inclusivel, o Destricto de Iguape”, etc.

O ponto de partida da linha divisória, no mar, entre os municípios de Cananéia e Iguape, deu motivo a uma séria questão que se prolongou por muitos anos, tendo sido solucionada por um acôrdo, de que resultou a criação do município de Jacupiranga, de acôrdo com a lei n. 2.253, de 29 de dezembro de 1927, pela qual as divisas entre os municípios de Iguape e de Jacupiranga, na parte limítrofe com o de Cananéia, passavam a ser as seguintes:

“Começam na barra do ribeirão Arataca, no rio Pariquéra-mirim, descendo por este até a barra do rio do Braço Preto, dahi em rumo á barra do rio Quilombo, subindo por este á sua cabeceira principal e, continuando pelo divisor que deixa á direita, as aguas dos rios Ribeira, Batatal e Pardo, e, á esquerda, do rio Jacupiranga até á cabeceira principal do rio Guarahú; descendo por este até encontrar a reta que constitúe a linha principal do territorio da ex-colônia de Cananéia, seguindo por esta linha até encontrar o angulo do primeiro quadro da mesma ex-colônia de Cananéia e dahi em diante, continuando pelo divisor que deixar, á direita as aguas dos rios Iriaia-mi-

rim e Cordeiro, e á esquerda, as dos rios: Pariquéra-assú, e Pariquéra-mirim, até a cabeceira principal do ribeirão Arataca, descendo por este até ao ponto de partida”.

Assim resolvida a importante questão, ficavam as divisas de Cananéia limitadas ao norte, junto ao mar, pelo rio Cordeiro, que servia de ponto de partida, e na região central pelas águas do rio Guaraú.

Ao sul, com o Estado do Paraná, perdera o município grande extensão territorial, inclusive a sede do distrito de paz de Ararapira, em virtude do laudo do presidente da República, aceito pelos governos de São Paulo e do Paraná. De acôrdo com o referido laudo, aprovado pela lei n. 1803, de 29 de dezembro de 1921, para o sul começavam os limites no Oceano, na barra de Ararapira, passando por êste povoado até o meio do istmo do Varadouro e aí buscando o divisor das águas, até ao alto da Serra Negra, de onde prossegue para o interior, dividindo com outros municípios.

Entretanto, não terminara ainda o sacrifício imposto à histórica cidade do litoral paulista, berço das bandeiras que se internaram pelos nossos sertões, quando, pelo decreto n. 9775, de 30 de novembro de 1938, que fixou o novo quadro de divisão territorial do Estado, reduziram-no ainda mais, transformando-o em uma verdadeira língua de terras compostas em sua maior parte de pântanos e manguesais, — apertada entre o mar e a cordilheira, como abaixo se vê:

Com o município de Jacupiranga:

Começam na Serra Negra, onde esta entronca com o divisor que deixa, ao norte, as águas do rio Jacupiranga e seus afluentes Guaraú, Canha, e, ao sul, as águas dos rios das Minas, Itapitangui e Fôlha Larga, seguem pela crista dêsse divisor até cruzar a Serra do Pariquéra-Assú, que é o *divortium acquarum* entre as águas do rio Pariquéra-Assú, ao norte, e as do rio Cordeiro, ao sul, até frontear a cabeceira mais setentrional dêste último rio;

Com o município de Iguape:

Começam na Serra do Pariquéra-Assú, na cabeceira mais setentrional do rio Cordeiro, descem por êste rio até a barra do Nanaú, vão dêste ponto, em reta, até a ponta mais oriental da ilha do Rodrigues e daqui do rio Candapuí, na Ilha Comprida, e dessa confluência, seguindo a mesma reta até o mar;

Com o Estado do Paraná:

Começam no mar, na barra do Ararapira, acompanham a curva do rio passando pelo povoado do mesmo nome, até o meio do istmo do Varadouro, daí, buscam o divisor das águas que correm, à direita, para o mar e canal do Ararapira, e, à esquerda, para as baías do Pinheiro e das Laranjeiras, seguem por êsse divisor até o alto da Serra Negra e por esta até cruzar o divisor entre as águas do rio Jacupiranga, ao norte, e as do rio das Minas, ao sul, onde tiveram início estas divisas.

SUPERFÍCIE.

Antes de decretadas essas divisas, era de 1.387 quilômetros quadrados a área do município, sendo atualmente muito reduzida. Também suas propriedades abrangiam 168.232 hectares, possuindo 1.300 sítios no valor de 4.173:694\$000. Sua lavoura, segundo as estatísticas oficiais ocupavam uma área de 78.984 alqueires, estando hoje muitíssimo reduzida, em virtude do abandono das propriedades agrícolas pela maior parte dos lavradores, que se retiraram para a cidade, empregando-se na pesca.

SESMARIAS.

Muitas das terras do município foram objeto de sesmarias, constando que uma delas, de 1618, fôra concedida para fundação da vila, cuja carta, segundo o Livro do Tombo, achava-se em poder do Capitão-mor Leandro de Freitas Sobral. Nos livros de **Sesmarias e Patentes**, do Departamento do Arquivo do Estado encontram-se registradas algumas delas, como sejam:

Rio Camburupú.

Concedida a 29 de julho de 1777, a Antonio de Aquino Pereira, pelo capitão-general Martim Lopes Lobo de Saldanha, constante de 800 braças de terra, que correriam, 400 rio abaixo a faser pião na casa de sua residencia, e outras 400 braças, rio acima.

Barreiros.

Como a precedente, também na ilha do Cardoso e concedida a 10 de setembro de 1779, pelo mesmo Governador, a Antonio dos Ouros, morador na villa de Cananéia, o qual já estava de posse de umas terreças de matos ma-

ninhos e realengos ha mais de 16 anos, devendo começar “ arumo de nordeste, nas cabeceiras do rio chamado — Barreiros, — e rumo de Sudeste, té completar meia legua de terras, ficando dentro da medição a casa dele Suplicante, com seus fundos e sertões”.

Utinga.

Continente, concedida a 10 de dezembro de 1784, pelo Capitão-General D. Francisco da Cunha Menezes, a José Nunes de Freitas Sobral, constante de “legua e meia de testada, principiando ponta da parte de baixo dos barrancos, correndo pelo rio Itapitanguí acima até onde finalisava a dita quantidade de terras, com seus fundos competentes”.

Morro de São João.

Ao lado da vila, concedida ao sargento-mór Antonio de Freitas Sobral e Antonio de Freitas Henriques, em 8 de fevereiro de 1736, pelo Governador da Capitania de S. Paulo, D. Antonio Luiz de Tavora, Conde de Sarzedas.

São essas as únicas Cartas de Sesmarias que se encontram registradas nos livros competentes do Arquivo do Estado. Entretanto, como é fácil de ver-se, muitas outras foram ainda concedidas, como aquela a que se refere o **Livro do Tombo**, confirmada no ano de 1618, para fundação da vila. Também a sesmaria para a povoação de Ararapira não se encontra registrada nos livros competentes.

Por um documento existente no Maço n. 76 (Tempo do Império) do Arquivo do Estado, verifica-se a existência de outras que não constam dos livros do Arquivo, nos quais vêm registradas numerosas cartas de sesmarias de 1602 em diante. Examinando tais livros, verificamos que no de n. 1 (1602-1642), a falta de sesmarias num período que vai do ano de 1617 a 1638, em que deveria constar a carta de confirmação a que nos já referimos.

A verdade é que tais concessões teriam sido registradas em outros livros, cujo paradeiro ignoramos.

O documento a que nos referimos, encontrado no maço n. 76 e que abaixo transcrevemos, infelizmente está mal redigido, omitindo o local, a paragem em que se acham as terras e o nome dos seus possuidores.

“A Commissão a quem foi encarregado de apresentar huma formalidade para informar ao Exmo. Governo da

Provincia em relação a Ordem de Sesmarias, em consequencia do Avizo do Governo Geral e Portaria Provincial de 23 de Agosto pp. foi com bastante trabalho que revêo os Livros antigos da Camara, e não pode encontrar Leis ou Ordens que regulem a concessão de Sesmarias, encontrando huma declaração da Camara, como nos tempos antigos forão queimados Livros e papeis por se acharem danificados de copim, encontrando o registro de huma Sesmaria passada pelo Governador e Capitão General desta Provincia, Martim Lopes Lobo de Saldanha, em 10 de Setembro de 1779. (E' a Sesmaria **Barreiros**).

Outro registro de outra passada pelo Capitão Mór e Ouvidor Geral desta Provincia, Gonçalo Corrêa de Sá, em 21 de Janeiro de 1620. Outro registro de outra passada pelo Governador e Capitão General desta Provincia D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, em 14 de Novembro de 1765. Outro registro de outra passada pelo Governador e Capitão General, Martim Lopes Lobo de Saldanha, em 29 de Julho de 1777. (E' a do **Rio Camburupú**). Outro registro de outra passada pelo Major e Sesmeiro, Luiz Lopes de Carvalho, em 17 de Agosto de 1769 (5). Outro registro de outra passada pelo Capitão Mór e Ouvidor Geral desta Provincia, Gonçalo Corrêa de Sá, em 21 de Agosto de 1669. E consta que neste Termo, ha mais huma ou duas Sesmarias: O Povo em geral vive estabelecido em antiqúicimas posses por Compras por Escripturas; ultimamente podem haver dezoito a vinte leguas de terreno, despovoado e devoluto pelos diferentes Rios do Município, além dos immensos Sertões. Hé quanto póde informar, salvo melhor Juizo da Camara.

Cananéa 14 de Outubro de 1842.

José Fosquini

Joaq.m José de Olivr.a.

Além dessas, outras existiram como a de Ararapira, onde se determina a sorte de terras doadas por Joaquim Morato do Canto e sua mulher, d. Rosa de Toledo Piza, para assentamento da povoação.

Nos estudos a que por fôrça de nosso cargo procedemos no Arquivo do Estado, para classificação de papéis, tivemos a felicidade de descobrir dois livros quase ilegíveis, que depois de lidos e restaurados, conseguimos publicá-los na série de **Sesmarias**, tomando a classificação de 2 bis e 3 bis. O primeiro corresponde ao período de 1618 a 1620 e contém nada menos de

(5). — Esta Sesmaria ficava no Irapuã, e pertencia a Antônio Fernandes de Siqueira, como se vê do Livro I de Registros, do Cartório de Notas, de Cananéa, à fls. 78 e 78 v. (1725-1733).

52 registros de Cartas de Sesmarias, e o segundo, que vai de 1627 a 1635, traz 38 registros. São verdadeiros retalhos de papel. Entretanto, em quase tôdas as cartas conseguiu-se a verificação das respectivas datas, dos nomes dos possuidores e até mesmo, em muitas delas, a denominação das paragens.

Foi assim que pudemos descobrir em ambos, o registro de algumas datas em Cananéia, as quais até o presente eram por todos desconhecidas.

São do Livro 2 bis, as Cartas seguintes:

a) Concedida ao padre Francisco da Silva, na ilha Comprida, entre o Vomiranga e a barra de Cananéia, mais ou menos, de um e de outro lado do mar, em 27 de dezembro de 1618, por Gonçalo Correia;

b) Concedido a João Gonçalves e Ana Martins, na paragem — Rego, — no Rio Doce da Ribeira (6), em 27 de dezembro de 1619;

c) Outro, concedido a Custódio de Aguiar Lobo, a 20 de janeiro de 1633, na Ilha Comprida, não sendo possível identificar-se o nome da paragem;

d) Outro mais, concedido ao mesmo Custódio de Aguiar Lobo, ignorando-se o nome do local, mas, parecendo tratar-se da Ilha Comprida;

e) Outro, concedido a 29 de maio de 1633 e registrado no Livro 3 bis, de Sesmarias, do Arquivo do Estado, ao prior do Convento de Nossa Senhora do Carmo da cidade do Rio de Janeiro.

Além dessas Cartas de Sesmarias, encontramos nos Livros de Registros do 1.º Tabelião de Notas de Cananéia, o registro de uma carta pertencente a Simão Leitão e seu filho, o padre Francisco da Silva (Livro 2, fôlhas 29, cuja Sesmaria fôra concedida em 22-12-1618).

Como se vê, não poucas foram as sesmarias concedidas em Cananéia, durante o século XVII. E a título de curiosidade, transcrevemos abaixo o inteiro teor da Carta de terras de São Martins Barregão, cuja confirmação de encontra registrada no Livro 0 (zero) de Notas, do 1.º Tabelião de Cananéia, concedido por Gonçalo Corrêa de Sá, e que é o seguinte:

“Traslado de hua escriptura de Confirmação de terras que passou Luiz Lopes de Carvalho a João Henriques.

“Luiz Lopes de Carvalho, cavaleiro fidalgo da casa de Sua Alteza e seu Capitam mor nesta repartição da Ca-

(6). — Esta Sesmaria era no município de Iguape, no Rio da Ribeira, achando-se registrado em Cananéia, onde residia o seu possuidor.

pitania de San Vicente, de que hé donatario o Conde da Ilha do Principe e pelo dito Conde ouvidor com Alçada e nela seu lugar thenente e sismeiro, etc.

Faço a saber aos que a presente carta de Confirmação virem que em comprimento ao edital que nesta Villa mandei fichar aos catorze dias do mez de agosto do mesmo anno me apresentou João Henriques, morador nesta Villa, casado, com mulher e filhos, hua carta de Sismaria passada no anno de mil e seis centos e dezoito por Gonçalo Correia de Saa Capitão mór que foi desta Capitania com cumprace nella posto por João de Moura Fogaça, e por Valerio Carvalho, capitães móres que forão desta Capitania, pelo constar ter o dito feito mercê a João Martins Barregão... por haver com sordo a servir a Sua Mag.de de idade de dezoito annos e ir em companhia d'El Rey Don Sebastião á Africa e assim mais serviço em hua companhia de cavallos ligeiros na tomada da posse do Reino de Portugal e depois viéra na armada do estreito de Magalhães, e ficara servindo em o forte da Villa de Santos sem por isso levar soldo algum, por cuios serviços o dito Capitam mor lhe fizera mercê de lhe dar duas legoas de terras a saber, huma pera elle João Martins Barregão, e outra pera seus genros Bento do Reguo e Francisco Barbosa, comensando da barra de Cananéa pela praya cortando pera o nordeste e acabando a dita data pedida cortava ali o rio Salgado e pelo dito João Enriques me foi dito que como neto do dito João Martins lhe pertencia hum quinhão das ditas terras e no coal estava vivendo com familia a muitos anos sem duvida nem contradicção algua pagando dizimos a S. A. dos frutos que das ditas terras colhia a coaes partem da vanda de igoape com Balthezar Masiel e da vanda desta villa com Antonio Silva, pedindo-me lhe confirmasse o dito quinhão em nome do Sr. Conde o que visto por mim ouve por bem de lho confirmar como pello presente confirmo para elle e todos seus descendentes pelos poderes que para isso tenho os coais estão registados nos libros da Camera desta villa e mando os officiaes della e ao de mais desta Capitania que sendo-lhe esta apresentada indo primeiro por mim assinada e sellada com o selo das armas do Conde meu Sr. a cumprão e guardem como nella se contem e em cumprim.to conservem ao Supp.te na dita posse... esta dada nesta Villa de São Joam da Cananéa aos vinte e hu de agosto de mil seis centos e sessenta e nove anos Eu Bernardo da Cunha de Carvalho escrivão da Correição da Ouvidoria pelo Conde da Ilha do Principe o escrevi — Luis Lopes de Carvalho — Sello — Fica registada no Libro da Condessa do Sr. Conde donatario a fls. 4 — Bernardo da Cunha de Carvalho

— o coal treslado de escritura de confirmação eu M.el L. AEnrique t.am do judicial e notas nesta d.a villa o trasladei bem e fielmente do proprio original e fica sem causa que dúbida faça, de que me assigno de meu razosinal. M.al AEnrique” (7).

Outra sesmaria não menos interessante, é a que foi concedida a Jorge de Ramos, no ano de 1594 (8) e que adiante transcrevemos:

Treslado da Carta de Sismaria passada pelo Capitam maior luiz Lopes de Carvalho e antonio frz' de Siqr.a das therras donde mora de Irapoá. cujo theor é o seguinte:

Luiz Lopes de Carvalho fidalgo da Casa de Sua Altheza e seu Capitam maior da Capitania de San Vicente, de que hé donatario o Conde da Ilha do principe e pelo dito Conde ouvidor Com alçada e nella seu Lugar thenente e sismeiro p.a todo faz a saber aos que a presente confirmasam virem que amim me foi digo amin me enviou a dizer por sua petisam o Capitam Antonio frz' de Siqueira que elle estaua de pose de hum quinham de therras na Ilha desta V.a adonde tem sitio e Rosas de que paga dizimos a sua Altheza em o Coal Sitio está vivendo a muitos annos e por lhe pertenser como desendente herdeiro que hé de Jorge de Ramos, a quem foram dadas tres legoas de therras nesta dita Ilha no anno de mil e quinhentos e nove annos, digo de mil e quinhentos e noventa e coatro por Jorge Correia lugar thenente do senhor Lopes de Souza, governador que foi desta Capitania... como consta da carta de sismaria que oferecia, pedindome no fim de sua petição lhe confirmase o dito sitio na forma do estilo a Coal sendo por mim feyta e a dita Carta de sismaria, houve por bem de lhe mandar pasar a presente peal Coal mando a todas as justças desta Capitania desta Villa o conservem na dita pose en que está não havendo terseiro perjudicado, para o que se lhe mandou pasar a presente que vai por mim assinada e selada com o sinete das armas do Conde meu Senhor. Dada nesta Vila de San Joan de Cananéa aos dezasete dias do mez de Agosto de mil e seis centos e setenta anos, digo de setenta e nove annos eu Bernardo da Cunha de Carvalho, escriuão da Correisam da ouvidoria pelo Senhor Conde da Ilha do principe o escreui.

Luiz Lopes de Carvalho — Foi Registrada no livro da fazenda do Senhor Conde donatario a folhas Coatro. Bernardo da Cunha Carvalho, — o qual treslado de Carta

(7). — Livro de Registros, do Tabelaão de Notas de Cananéia, fls. 91 e 92.

(8). — Registrada no Livro n.º 1 de Notas de Cananéia, à fls. 78 e 78 v.

de sismaria eu M.el montr.o de macedo tabaliam do pu-
blico judicial e notas o trasladei bem e fielmente do pro-
prio original que corri ele concertei e por verdade me
a Sino do meu sinal Costumado sendo aos nove dias do
mes de dezembro de mil e sete centos e trinta anos nesta
dita Villa. Eu sobredito tabaliam o escreui. M.el Montr.o
de macedo.

POPULAÇÃO.

A população do município que se elevava a cêrca de dez mil
almas, decresceu segundo os últimos recenseamentos, o que se
justifica em virtude da solução dada às diferentes questões de
divisas não só com os municípios vizinhos, como ainda com o Es-
tado do Paraná, de que resultou a perda, para Cananéia, de
grande porção do seu território.

As estatísticas anteriores, embora falhas, davam para Ca-
nanéia uma população de 8.371 'almas. De 1917 a 1922, o movi-
mento do Cartório de Paz, foi o seguinte:

	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925
Nascimentos	164	170	223	184	189	223	183	183	186
Casamentos	32	18	23	26	26	23	20	35	36
Óbitos	104	89	94	93	96	115	113	89	94

Consultando os antigos mapas de população da vila, exis-
tentes no Arquivo do Estado, apuramos o seguinte resultado:

		hab.
1765	livros, entre brancos, mulatos e pretos	1.411 1.824
	escravos	413
1776	livres	655 1.139
	escravos	475
1794	população geral	1.725
1796	população geral	1.462
1799	brancos	740
	pretos	435 1.673
	mulatos	498
1803	brancos	457
	pretos	436 1.621
	mulatos	498
1805	brancos	672
	pretos	509 1.853
	mulatos	682
1806	brancos	636
	pretos	474 1.732
	mulatos	624

1809	população geral		1.773
1814	brancos	663	
	pretos	600	1.629
	mulatos	366	
1819	Segundo Pizarro (Memória Histórica do Rio de Janeiro)		1.708
1820	brancos	584	
	pretos	461	1.736
	mulatos	691	
1828	brancos	251	
	pretos	442	1.556
	mulatos	863	
1830	população geral (de acôrdo com Azevedo Marques)		1.627
1832	brancos	671	
	pretos e mulatos	764	1.435
1876	população geral, assinalada por Azevedo Marques		3.945
1887	Segundo outros escritores		5.355
1890	De acôrdo com o recenseamento federal ...		5.882
1897	Calculada pelo Dr. Antônio de Toledo Piza .		7.620
1900	Recenseamento federal dêste ano		7.334
1900	Calculada pelo Dr. Antônio de Toledo Piza .		9.638 (9).

CLIMA.

Em geral quente no verão, no inverno é sempre agradável, com raríssimas geadas na região do Planalto.

A grande fertilidade do seu solo é devido “ao regime normal de suas estações”, na opinião de um escritor. Muito próximo ao Estado do Paraná, o município de Cananéia, por isso mesmo, é favorecido por um clima em geral ameno, pois que, ainda no verão, goza da suavidade das virações do mar.

ESTANCIA BALNEARIA.

A Lei n. 163 de 27 de setembro de 1948, que dispõe sobre a constituição de estâncias balneárias, no Estado, declara o seguinte:

Artigo 1.º — Ficam constituídas em estâncias balneárias nos termos do artigo 61 e parágrafo único da Lei Orgânica dos Municípios de 18 de setembro de 1947, com as respectivas cidades, os municípios de Guarujá, Itanhaém, São Sebastião, Ilhabela, Ubatuba, Iguape e Cananéia.

(9). — Alberto de Sousa, *Estudos Demográficos, 1907-1916*, pág. 61.

Artigo 2.º — No corrente exercício a importância a ser aplicada em serviços públicos nas estâncias a que se refere o artigo anterior, correrá à conta da verba n.º 405 — Material e Serviços. Código Geral 8-99-4 — Despesas Diversas — do Orçamento vigente.

Artigo 3.º — Os melhoramentos e serviços deverão ser executados pelo Estado ou pela Prefeitura sob a fiscalização daquele, mediante plano previamente delineado pela Superintendência das Estâncias ou por técnicos designados pelo Governo.

Artigo 4.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 27 de setembro de 1948.

Adhemar de Barros.

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo aos 28 de setembro de 1948.

Cassiano Ricardo — Diretor Geral.

SALUBRIDADE.

Nas ilhas e margens de alguns rios e bem assim nas partes alagadiças do litoral, reina em certas épocas do ano, a maleita, de caráter muito benigno e geralmente desconhecida no Planalto do próprio município. São raras as moléstias inflamatórias. O tétano bem como a lepra e a hidrofobia são desconhecidas.

No decurso de trinta anos apenas se constataram alguns casos de tifo ou febres paratíficas.

As maleitas são facilmente curáveis com o emprego de sais de quinino, não se registrando casos de óbitos ocasionados pelas mesmas, motivo pelo qual consideram a cidade como um verdadeiro sanatório.

Por ocasião da grande epidemia de gripe espanhola, registraram-se em todo o município e cidade, apenas oito casos fatais.

SERRAS.

A cordilheira marítima que percorre o litoral do Brasil com diferentes denominações, entre as quais a de Serra do Cubatão no Estado de São Paulo, atravessa o município de nordeste para sudoeste, com o nome geral de Serra das Cadeias, cu Cadeado, a qual se divide em duas ramificações diferentes: Tapinhoacaba e Aririaia.

Cadeado, que é uma das principais do município de Cananéia, estende-se ao centro, correndo paralelamente à costa, e fica a sudoeste da cidade. Sua altitude eleva-se a mais de 800 metros acima do nível do mar, lançando duas ramificações para o litoral, uma das quais se denomina Serra de Tapinhoacapa, entre os Estados de São Paulo e do Paraná, reproduzindo-se nos três braços — **Araçauaba**, **Taquarí** e **Minas**.

A serra do Cadeado tem muitos picos e se ramifica para diversos pontos. Segundo Moreira Pinto, existe na mesma um rio escuro, cujas águas têm o sabor da pedra 'hume.

Araçauá ou **Araçatuba**, que dá origem ao rio do mesmo nome, no extremo sul.

Taquarí, a mais alta das serras do município, também chamada — Cabeça de Negro, devido à sua configuração, situada à sudoeste da cidade.

O seu ponto culminante está situado a 908 metros de altitude sôbre o nível do mar.

Minas, na parte ocidental, assim denominada por ter sido descoberto em suas imediações formações primitivas de ouro. Segundo diz Machado de Oliveira, foram exploradas em 1578. não prosseguindo os trabalhos porque os veios metálicos entranhavam-se nas altas montanhas que lhe ficavam ao norte (10). As suas ramificações para o noroeste servem de bacia fluvial aos rios Pindaíba e Gracuí, e outros afluentes do Ribeira, que correm entre êsses dois rios. Devem ser os rios Pindaúva e Guaraú e não Pindaíba e Gracuí.

Como contrafortes das citadas serras, temos ainda os morros da **Palha**, **Quilombo**, **Piratininga** (11), **Capivarú**, **Iririú**, a que outros chamam **Ararapira**, **Tapinhoapinda**, **Cantagalo**, além de outros.

No morro do Tapinhoapinda existe um pico conhecido por Pedra. Segundo a tradição, o morro do Quilombo tomou essa denominação por haver servido de refúgio a numerosos escravos fugidos ao cativoiro. Nesse lugar ainda podem ser observados sinais ou vestígios da existência de moradores primitivos.

O segundo ramo para o norte, com o nome de **Aririaia**, procede da grande serrania cujo alteamento é entre o rio Ribeira e Cananéia, onde vem terminar.

Nesta serra se encontram verdadeiras muralhas a pique, muito altas e inacessíveis.

(10). — Machado de Oliveira, *Geografia da Província de São Paulo*.

(11). — Esse morro é conhecido no município pelo nome de **Pirotinga**.

Das numerosas ramificações, destacam-se para o norte dois grupos importantes, o primeiro, que se aproxima do litoral, formando um semi-círculo, cujas serras principais são: **Paratiú, Fôlha Larga, Cintra, Itapitanguí, Rio Branco, Itinga, Aleixo, Boacica, Mandira, Assunguí** e muitas outras.

Ao segundo grupo, que avança mais ao centro, pertencem as serras e morros do **Canha, Quilombo** (grande e pequeno), **Morro Grande, Pindaúva, Guaraú**.

A mais interessante de tôdas as serras do município, é sem dúvida, por sua configuração e importância, a do **Itapitanguí**, que, semelhante a Serra dos Órgãos, no Rio de Janeiro, se eleva na parte ocidental, com uma altitude máxima, de 809 metros acima do mar, servindo de fundo à cidade e emprestando à topografia local um panorama de extraordinária grandeza.

Segundo o dr. João Mendes, sua denominação vem de **Yta**, pedra; **pitang** avermelhado; **i**, ser manchado, sujo, para significar “morro granítico manchado de vermelho”. Realmente, ao por do sol a serra se apresenta avermelhada.

Itinga, situado no continente, a noroeste do mesmo nome, cujas águas abastecem a cidade e o povoado do pôrto do Cubatão. Encontra-se aos 24° 40' 52" de latitude sul e 4° 16' 55" de longitude oeste.

Boacica, nas proximidades do Rio das Minas. Alguns geógrafos escrevem Boaséca. No Livro do Tombo, há uma referência a êsse morro, chamando-o **Embiacica**.

Mandira, notável pelo aparecimento de um fogo em seu cume, no ano de 1784, de que tratamos na parte histórica.

Todos êstes morros são contrafortes da Serra de Itapitanguí.

Do segundo grupo, ao centro, destacam-se os morros do **Pindaúva**, que, como o precedente, atraiu à curiosidade pública no ano de 1889, tendo o jornal **Echo Cananeense**, de 17 de abril daquele ano, publicado a seguinte e interessante notícia:

“No morro do Pindaúva, deste municipio, deu-se uma erupção vulcanica no dia 10 do corrente, atirando monstros pedaços de pedras a grandes distancias. Antes da erupção ouviu-se aqui na Villa, que dista desse morro tres leguas mais ou menos, um estampido surdo”.

Morro do Salto, no Rio Branco, que se põe de permeio entre Mandira e Pindaúva, íngreme e quase inacessível. Também curioso pelo mesmo fato, ocorrido desta vez no ano de 1923.

Guaraú, mais ao centro, estendendo-se para o noroeste.

Nas ilhas, por sua grandeza, é notável a serra ou morros do Cardoso, que percorre quase tôda a ilha do mesmo nome, desde a barra de Cananéia até às proximidades de Ararapira, no extremo sul do município.

Tem 27.775 quilômetros de extensão e está situada a ONE da ilha do Bom Abrigo, a 20° 58' 45" de latitude e 50° 32' 41" de longitude oeste. Sua altitude máxima, como já dissemos, é de 622 metros sôbre o nível do mar.

Morro da Avenca, na mesma ilha. Segundo alguns escritores, no seu interior devem existir cavernas com estalagmites e estalactites. Aí passa o ribeirão cuja água se torna morna, — o **Itacurussá**. Entretanto, no município de Cananéia, o único morro conhecido por êsse nome encontra-se no continente, próximo ao sítio denominado Retiro, ao fundo do mar de Trapandé.

Morretinho, na ilha Comprida à SE. da cidade e fronteiro ao morro de São João. Sua altitude é de 42 metros apenas sôbre o nível do mar.

Bom Abrigo, na ilha do mesmo nome, defronte da barra, cujo cimo que se eleva a 148 metros acima do nível do mar, foi inaugurado a 20 de agôsto de 1886, um farol com as côres verde, branco, vermelho e amarelo, hoje substituído por outro de maior alcance, com elevação do torreão, que foi reformado e melhorado.

Seu ponto culminante acha-se a 25° 6' 49" latitude sul e 50° 17' 51" longitude oeste.

São João, na ilha de Cananéia, ao sul da cidade. Conhecido nos tempos primitivos por Candairó, abrigou em suas encostas dois estaleiros de construções navais e possuiu uma pequena fonte de água potável, que outrora abastecia a cidade. Sua altitude sôbre o nível do mar é de 137 metros.

ILHAS.

O município de Cananéia é em grande parte formado por diversas ilhas, algumas das quais de grande extensão, que podem ser classificadas em três grupos:

1.º). — ilhas que ficam no Oceano: **Bom Abrigo**, **Filhote**, **Castilho** e **Camberiú**, ou **Camboriú**.

2.º). — as que, de um lado, são banhadas pelo Atlântico e de outro pelas águas dos mares e canais interiores: **Ilha Comprida** e a do **Cardoso**.

3.º). — as que se encontram nos mares e canais interiores, como sejam: Cananéia, ao centro; Laranjeiras, Biguás, Casca,

Tumba ao sul; Nanaú, da Garça, Ubatuba ao norte, além de muitas outras de menor importância, espalhadas pelos lagamares, rios e gamboas.

Bom Abrigo, situada à entrada da barra, de cujo pontal dista cêrca de cinco quilômetros. Sua posição é aos 25° 07' 23" de latitude sul e 4° 41' 30" de longitude oeste do Rio de Janeiro; 47° 41' 86" oeste de Grenwich; 50° 12' 00" de Paris. Tem três milhas de extensão e o seu ponto culminante fica a 148 metros sôbre o nível do mar. Seu nome provém da segurança que oferece às embarcações que, acossadas pelas tempestades, procuram refúgio em seu remanso admirável.

“Serve de balisa à barra de Cananéia. Tem bom e seguro abrigo, pouco mais de cinco quilômetros de extensão e muitas madeiras”.

Azevedo Marques, acrescenta:

“E' assaz alta e demora a uma légua da costa fronteira à barra de Cananéia, servindo de balisa”.

Pequena e de forma granítica, é rodeada de surgidouro profundo e de boa segurança, como indica o seu nome. O dr. João P. Cardoso, antigo diretor da extinta Comissão Geográfica, estudando-a, escreveu:

“Naturalmente denominaram-na Bom Abrigo, porque, quando navega-se para o sul com o mar agitado e se aproxima dela, nota-se uma grande diferença, parece que se vai entrar em um pôrto bem abrigado, tal é a proteção que oferece contra os temporais e o ancoradouro esplendido que aí existe, facilitando muito as comunicações com Cananéia”.

Seu ponto culminante está a 142,5 metros acima do nível do mar, ficando a duas milhas de distância da ilha do Cardoso.

No ano de 1883, por pessoa interessada, foi requerido ao Ministro da Fazenda o seu aforamento, não faltando protestos da imprensa contra êsse ato.

Rangel Pestana, num substancioso artigo que foi publicado, chamou a atenção do govêrno imperial, dizendo que a referida ilha tinha

“um valor imenso e não convinha ao govêrno abrir mão de um posto importante, que poderia servir de ponto estratégico para guarda das costas e da navegação interna”. E prosseguia:

“Devemos crer que o Ministro da Marinha conheça o valor dessa ilha. Ali não há um só morador, porque o govêrno imperial nunca o consentiu. Um composto de pedras, tendo boas águas, a ilha apresenta condições de ótimo fundeador, abrigado de todos os ventos e uma verdadeira doca natural”.

As embarcações de longo curso ou de cabotagem, que navegam ao longo da costa do sul, acolhem-se a êsse **seio de Abraão**, como chamam os navegantes, para fazerem aguada ou acoissados pelos temporais comuns em certa estação do ano”.

“Acresce que, na opinião dos entendidos, a ilha do Abrigo está destinada a ser um ponto estratégico, que o govêrno um dia mandará fortificar, a bem da defesa da barra de Cananéia, que dá entrada para o Mar Pequeno que banha Iguape e comunica-se por um canal com a grande Ribeira de Iguape”.

“Cumpre pois ao govêrno geral não descuidar do negócio”.

“Convirá entregar à exploração de particular um abrigo dessa ordem, um ponto de refúgio à grande e pequena navegação?”

“Os srs. Ministros da Fazenda, da Agricultura, da Marinha e da Guerra, a quem se mandou ouvir, pesarão bem estas considerações?”

“Não se esqueçam ss. exas. de uma coisa: se o negócio é de competência do govêrno geral, não é menos certo que a êle se acha ligado um grande interêsse da provincia de São Paulo” (12).

*

A essa ilha aportou Martim Afonso de Sousa, no dia 12 de agôsto de 1531, aí permanecendo por 44 dias, quando, segundo alguns historiadores, teria colocado no pontal de Itacurussá um marco de pedra com a cruz de Cristo.

Foi o primeiro ponto da Capitania de São Vicente em que tocou.

As lendas que povoam êsse histórico baluarte são interessantíssimas, avultando entre elas as que se referem a fabulosos tesouros ali ocultos por piratas. De fato, ainda hoje devem existir em mãos de particulares, roteiros escritos há mais de um século e, como para corroborar tais suposições, em várias pedras esparsas por diversos pontos da ilha, se encontram sinais que denunciam algo de extraordinário. Em uma das extremidades

(12). — Em 1870 d. G. Josefa de Borba Pacca requerera a referida ilha ao Govêrno, não tendo conseguido obtê-la.

da ilha existiu outrora um lugar preparado para a fabricação de azeite de baleias.

Consta que, antes da instalação do farol, que foi inaugurado a 20 de agosto de 1886, quando nenhum morador existia no Abrigo, apareceram dois indivíduos na praia da Lage ou do Camburiú, fronteira a aquela ilha, e, contratando remadores, sob a alegação de que desejavam passar alguns dias na mesma, para pescarias, foram ter à mesma, fazendo com que os canoeiros regressassem, devendo procurá-los dias depois para trazê-los à terra novamente.

Voltando ao Bom Abrigo, depois de 4 ou 5 dias, tomaram os misteriosos indivíduos o caminho da terra, seguindo pela praia da Lage, e conduzindo alguns sacos, que diziam conter roupas e peixes, fato êste que chamou a atenção dos praianos. A lenda das fabulosas riquezas ocultas pelos piratas tornou a ilha do Bom Abrigo objeto de atenção de não poucos aventureiros.

No ano de 1841 ali estabeleceu-se com sua família Luís Barreto, que começou a lavrar a terra, o que deu lugar à denúncia apresentada pelo Juiz Municipal, Joaquim José de Oliveira, ao presidente da Província, que determinou em 15 de fevereiro fôsse o mesmo intimado a assinar termo para abandoná-la.

Nos tempos coloniais foi estabelecida no Bom Abrigo uma Armação destinada à pesca de baleias, de que ainda hoje existem não só o forno como grandes paredes (13).

Ilha do Camburiú, próxima à costa e fronteira à do Cardoso. Alguns, como o dr. João Mendes de Almeida, chamam-na **Camberrihú**.

Quanto à grafia desta palavra, não são acordes os escritores. Assim, enquanto para uns, é chamada Camboriú, outros chamam-na **Camborupú**, como se vê da sesmaria a que atrás nos referimos e vem registrada nos livros do Arquivo Público. Para outros ainda, a verdadeira grafia será **Camoriú** (para o rio do mesmo nome), que seria traduzido como — **rio do robalo**.

Ilha do Castilho, situada mais ao sul, a quatro quilômetros aproximadamente, da praia da Lage. E' fértil em guano e ótima como ponto de pescarias. O seu nome deve ser de origem espanhola — **Castilho** — dado, possivelmente pelos castelhanos que com o Bacharel, residiram em Cananéia, à chegada de Martim Afonso. Na verdade, observada da praia, apresenta a forma de um **castelo**, com os seus torreões ou penhascos.

(13). — Vide Monografia sobre Bom Abrigo, que publicamos na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. 34, de 1938.

Diz o dr. João Mendes que sua extensão é de 2,8 quilômetros.

Ao segundo grupo pertencem as ilhas **Comprida** e **Cardoso**, umas das maiores do litoral paulista e sôbre a qual escrevemos interessante monografia. No trabalho de exploração do litoral, publicado em 1920, lê-se que a bela ilha é montanhosa, bem cortada de mananciais, situada entre o Oceano, a baía de Trapandé e o canal de Ararapira, a OEN do Bom Abrigo e a 20° 53' 45" de latitude e 50° 32' 41" de longitude oeste. O seu ponto culminante, denominado — Pico — fica situado a 622 metros de altitude sôbre o nível do mar.

Assinala o extremo sul do litoral paulista, distando 27,775 quilômetros do Abrigo.

Há nessa ilha um morro notável e curiosidades de que trataremos em capítulo especial.

Referindo-se ao seu nome, diz o dr. João Mendes:

“Alguns escritores querem dizer que talvez ali houvesse fixado estabelecimento, nos tempos primitivos da conquista, algum individuo de tal sobrenome ou apelido”. “Mas — acrescenta, a ilha era assim denominada pelos indígenas, por parecer, vista de leste, cortada, quebrada ou aparada”.

De um longo estudo que publicamos no número CXI da **Revista do Arquivo Municipal**, de São Paulo, sôbre esta ilha, concluímos que a mesma durante longos anos foi conhecida pela denominação de — Ilha do Marco — em virtude de ter sido um dêsses importantes padrões chantados na ponta de Itacuçá, naquela ilha.

Mais tarde, começaram os naturais a denominá-la por isso mesmo, de **Itacoatiára**, isto é, ilha **da pedra escrita, desenhada, ou pintada**. Acontece, porém, que (de acôrdo com os documentos que examinamos) um dos primeiros moradores da mesma foi Domingos Cardoso, de onde, segundo as escrituras constantes dos livros de Notas, n. 0 (zero) e 2, de Cananéia, recolhidos ao Departamento do Arquivo, passou a ser conhecida pelo nome de Cardoso, ou, como diz a própria escritura:

“Ilha do Marco, a donde chamão terras do Cardoso, paragem chamada Itaquiatiára, terras que forão do defuncto nosso avô, na paragem chamada Serras do Cardoso, ou Itaquiatiára”.

Em sua maior largura, que é de uma légua, mais ou menos, ergue-se o morro com suas ramificações, e para o sul estreita-se

tanto, que parece um extenso e alto muro no mar. Sua extensão, segundo os escritores, é de 17,775 quilômetros, aproximadamente.

“Junto á esta ilha, prosegue o mesmo autor, do lado do mar, há bancos de areia e um lagêdo denominado — “Os moleques”.

“Logo após a barra de Cananéia, uma parte da ilha avança para o Oceano, formando o promontório de — Itacurussá (14). E' excessivamente montanhoso, de vegetações luxuriante e habitada”.

As suas terras são magníficas para cultura, especialmente da cana de açúcar, café e milho.

Nos vargedos, quer no pontal da barra de Cananéia, quer no de Ararapira, existem ricas pastagens naturais. Em diferentes pontos da mesma foram encontrados vestígios de manganês, xisto betuminosos e outros minérios.

Segundo a história e a própria tradição, existe num dos seus mais altos cumes uma lagoa misteriosa, cujas águas se encontram em estado de eferescência.

Alguns manuscritos falam de uma

“fonte de agua soloba, na parte mais alta”.

Devemos ainda assinalar a existência

“ao sul da montanha que se eleva na ilha do Cardoso, de uma extensa gruta, no fim da qual se encontram ossadas de animais estranhos” (15).

O seu ponto culminante, conhecido pela denominação de — Pico — segundo a carta Aeronáutica do Ministério da Marinha, eleva-se a 796 metros acima do nível do mar.

Disto do Bom Abrigo cêrca de quatro quilômetros, ou sejam duas milhas.

De forma extraordinariamente irregular, é banhada a leste pelo Oceano, ao norte e noroeste pelas águas da baía de Trapan-dé e canal de Ararapira e ao sul pelas águas do mesmo canal, que se prolonga até a barra de Ararapira, que é a divisa entre os Estados de São Paulo e Paraná. Bordada de lindas praias ou guarnecida por cordões de rocha que se alteiam na face oriental — na parte interna é limitada por vastos manguesais, onde penetram as águas do mar, principalmente entre a ponta da Para-

(14). — Itacurussá, isto é, pedra da cruz, pelo fato de aí ter sido colocado o padrão de pedra, em que vem esculpida a cruz de Cristo.

(15). — Relatório da Comissão Central de Estatística, 1887, pág. 329.

da e o rio da Tapéra, onde desaparecem os morros, dando lugar à língua de terra que forma o extremo sul do litoral paulista. Com exceção dos **pontais**, onde existem extensas partes arenosas, a face leste se apresenta às vêzes abrupta, dificultando a passagem de pedestres, ou então, orlada por lindas praias, interrompidas, aqui e ali, por grandes rochas de granitos negros.

Considerada outrora como dos melhores celeiros do município, onde se situavam as mais prósperas fazendas com seus engenhos de pilar arroz, fábricas de aguardente e olarias — hoje, apenas de longe em longe se destacam raríssimos casebres de pequenos lavradores, estando a grande ilha inteiramente desabitada, a não ser nas proximidades do pontal do sul, onde se erguem muitas choupanas de pescadores.

Ilha Comprida, a que Gabriel Soares denominou de — **Ilha Branca**, — talvez por causa dos numerosos cômoros de areia, que apresenta na parte oriental, é rasa, arenosa e alagadiça em muitos lugares, entretanto, em seu interior existem árvores frondosas, de madeira de qualidade, principalmente guanandí. Em sua parte interior é banhada pelas águas do Mar Pequeno em tôda a sua extensão, que é de 66,660 quilômetros, por cêrca de 740 de largura.

Quase defronte da cidade de Cananéia, ergue-se o Morretinho, única parte elevada em tôda a sua extensão, e em cujas imediações nasce o seu único rio de alguma importância, o Condapuí, que vai desaguar próximo à cidade de Iguape. Númerosos sambaquis são aí encontrados, servindo suas cascas para a fabricação de cal. E' habitada por pequenos lavradores que também se dedicam à pescaria.

O vocábulo — Condapuí — foi grafado de diversas maneiras, como sejam: **Condapuhy, Condapohy, Canapói, Candapuí e Condapuhy**.

O dr. João Mendes de Almeida, registrando o têrmo, diz significar:

“sinuoso e estreito”, sendo corruptela de Cundá-poi.
De Condá — retorcido, enroscado, cheio de voltas e re-voltas; poi — estreito, adelgado”.

Na Ilha Comprida existem ainda outros pequenos rios, como do Nóbrega Baguassú, defronte da cidade de Cananéia.

Das ilhas situadas nos canais e mares interiores, a mais importante é a de Cananéia, onde está assentada a cidade do mesmo nome.

E' de forma alongada, plana, arenosa e em grande parte alagadiça.

Possui um pequeno morro, o de São João ou Candairó, que fica ao sul da cidade. Sua extensão é de 26 quilômetros com uma largura média de dois quilômetros e meio.

E' banhada, ao norte pelo mar de Aririaia; ao sul, pela baía de Trapandé; a leste, pela de Cananéia pròpriamente dita e Mar Pequeno; a oeste, pelo mar do Cubatão ou de Itapitanguí, conhecido também pela denominação de Mar de Dentro.

Nesta ilha existiram vários estaleiros nos tempos coloniais e do Império, sendo que em um dêles, na parte ocidental da ilha, teve lugar a construção da célebre nau "Cananéia" que por muitos anos se conservou em Lisboa.

Foram as primeiras construções navais do país.

E' cortada por diferentes rios, alguns dos quais navegáveis em pequenas embarcações. Notícia mais detalhada encontrará o leitor na parte histórica.

Ilha da Laranjeira — também conhecida pelo nome de Ilha de Trapandé, formada pelo canal de Ararapira e pelo braço de mar chamado Trapandé (16).

Ilha do Tumba, também situada no mesmo canal, pouco adiante da precedente.

Ilha do Berbigão — na barra do rio Aririaia, assemelhando-se mais a um banco formado de conchas. Outros chamam-na de Berguigão.

João Mendes diz que

“desta ilha são extrahidas as cascas de marisco para o fabrico de cal.

“Os donos das canôas se approximam e encostando-se á ilhota escavam esta sobre ellas sem desembarque, por muito difficil”.

Ilha da Casca — situada a SO da baía de Trapandé.

Ilha de Nanaú — que assinala o extremo norte, do município e é formado pelos rios Cordeiro, Paratiú e Mar Pequeno. Outras de menor importância, como sejam, dos Biguás, da Garça, do Papagaio, Guaraparim, etc. (17) encontram-se pelos mares e rios interiores.

(16). — A Ilha da Laranjeira ou de Trapandé é mais conhecida em Cananéia pelo nome de **Ilha do Tumba** — corruptela de— Tombo — por achar-se no ponto do tomo das águas, isto é, onde se encontram as águas que entram pelas barras de Cananéia (ao norte) e da Ararapira, ao sul. E' a que os moradores da região costumam chamar **tambalasaguas**.

(17). — Deve ser Guarapari (guará-pari) lugar, bacia onde os guarás se reuniam, como diz Teodoro Sampaio, **O Tupi na Geografia Nacional**, pág. 209. Guaraparim quer dizer a garça manca ou de perna quebrada: **Ibidem**.

PONTAS.

Entre as pontas de terra que avançam para o mar citaremos por sua importância histórica o promontório do **Itacuruçá**, ao nordeste da Ilha do Cardoso, onde, segundo alguns historiadores, em 1531 teriam sido lançados por Martim Afonso de Sousa os padrões ou marcos, significando a posse do território do Brasil.

Do Livro do Tombo consta que, não só êsses marcos, como também uma cruz de pedra aí haviam sido deixados, o que não é verdade. A cruz de Cristo estava esculpida no próprio padrão.

Aires do Casal supunha que tais padrões tivessem sido colocados em 1503 por Cristovam Jaques.

O dr. João Mendes, em seu **Dicionário** citado, escreve **Itacurussá**, significando apenas o nome de uma lagoa existente na **Ilha Cardoso** e **Itacuruçá**, ao tratar de um morro ou terra de outra localidade, dizendo que o vocábulo escrito com ç significa “pedregal esparzido”.

Assim, para êle, a denominação é inadequada para a extensão da língua de terra que extrema a Ilha do Cardoso, ao sul, formando a barra do mesmo nome.

Pontal da Trincheira, ao sul da ilha Comprida, na barra de Cananéia, notável pelo fato de aí ter sido levantado um forte, em 1554, pelo espanhol Ruy Moschera, e, mais tarde, um outro, pelo Governador Oeynhausén, entre 1819-1820. Êsse o motivo da denominação do pontal, que ainda hoje o conserva muito embora já não exista vestígio algum de tais fortificações que foram arrasadas pelas correntes marítimas.

Nos mares interiores, citam-se ainda as pontas da **Marca**, ao norte e da **Prainha**, ao sul da Ilha de Cananéia, ponta da **Parada**, na Ilha do Cardoso, ponta do **Perigo**, na Ilha Comprida, ponta da **Bica**, no mar de **Trapandé** e outras de menor importância, como a ponta do **Arrozal** a sueste da Ilha de Cananéia.

ISTMO DO VARADOURO.

Está situado ao sul do município, separando as águas do canal ou mar de Ararapira, das baías do Pinheiro e das Laranjeiras, no Paraná. Pelo meio do mesmo corre a linha divisória entre os Estados de São Paulo e Paraná.

Tem uma largura de 3 léguas aproximadamente.

No **Relatório** apresentado ao **Govêrno do Estado em 1914**, sôbre o litoral paulista, teve o dr. João Pedro Cardoso oportunidade de escrever o seguinte sôbre o Varadouro:

“Ararapira é distrito de paz e acha-se situado na margem direita do rio Varadouro de Cima, o qual achase ligado á bahia de Paranaguá pelo pequeno canal conhecido por Estrada do Varadouro e por onde atravessam canôas com certa facilidade.

“A abertura de um verdadeiro canal, largo e profundo, neste lugar, viria facilitar muito a navegação no Sul do Estado e valorisar uma grande zona.

“Iguape poderia ficar em facil comunicação com Cananéia, Ararapira, Guarakessaba, Antonina e Paranaguá”.

Como é sabido, não só Iguape, mas sim tôda a região sul paulista por-se-ia em fácil e rápida comunicação com o Estado do Paraná. Seria uma estrada pronta “para todos os dias do ano, tôdas as horas do dia”, ligando Xiririca, Sete Barras, Jiquiá, Prainha — hoje Maracatú — Registro, Iguape Cananéia, Ararapira e Arirí, ao Paraná, portanto, ao sul do Brasil.

Assunto de real importância, por isso mesmo, a abertura do canal do Varadouro, que ainda não existe como disse o antigo diretor da Comissão Geográfica, preocupou sempre o espírito de todos que se interessam pelo progresso e desenvolvimento do litoral paulista.

Em 1921, pelo Govêrno federal foi convertido em lei o projeto pelo qual ficava autorizado o engenheiro dr. Luís Augusto Pereira de Queiroz, a construir um canal no istmo do Varadouro, ligando as baías de Cananéia e de Paranaguá, canal que deveria ter 12 metros de largura e 6 metros de profundidade, com talude de 45 graus.

Gozaria o concessionário do privilégio por trinta anos, devendo dar início às obras dentro de um ano e concluí-las dentro de dois, a contar da data da concessão.

Por essa ocasião tivemos oportunidade de publicar no **Correio de Cananéia** um artigo demonstrando a importância e vantagens extraordinárias que decorreriam para a zona, acrescentando:

Não somente particulares, mas até os próprios governos provinciais já o previam e aconselhavam, e tanto assim que, em 29 de maio de 1871, era a câmara da vila de Cananéia convidada em nome do presidente da província do Paraná, para as-

sistir a inauguração dos trabalhos da abertura do referido canal, solenidade essa que teria lugar no dia 1.º de junho do referido ano, como adiante se vê:

Ilmos. Snrs.

Havendo S. Exa. o Snr. Presidente desta Província designado o dia 1.º de Junho p. f. ás 11 horas da manhã, para efetuar-se, com as solenidades do estylo, a inauguração dos trabalhos da abertura do canal do Varadouro, tenho a honra de convidar VV. SS. para assistirem essa festa, que representa o principio da realisação de uma obra do mais subido interesse para a província de São Paulo e Paraná.

Deus Guarde VV. SS.

Varadouro, na Província do Paraná, 29 de Maio de 1871. O Engenheiro encarregado das obras, José Arthur de Murinelly.

Em **Relatório** apresentado à Assembléia Provincial do Paraná no ano de 1868, dizia já o dr. José Feliciano Horta de Araújo:

“a abertura do canal do Varadouro é de grande interesse para esta província (Paraná) e para a de São Paulo”.

*

Iniciaram-se as obras referidas, o que deu lugar a que alguns autores chegassem a afirmar acharem-se ligadas as águas das duas baías, como o fêz o dr. João Mendes, que em seu **Diccionario Geográfico da Província de São Paulo**, disse:

“O ribeirão Ararapira ficou em comunicação com o Rio Varadouro na Província do Paraná, em virtude da abertura de um canal, á custa das duas provincias, depois de 1870”.

Infelizmente, não só a falta de verba para a conclusão das obras, como também questões de ordem política, não permitiram o seu prosseguimento, sendo as mesmas abandonadas, depois de adiantadissimas, como então se achavam.

Desde aquella época, não têm faltado opiniões, as mais abalizadas, em prol dêsse grande empreendimento que, sendo levado a efeito, concorrerá de fato para o desenvolvimento de toda a região da Ribeira, favorecendo o intercâmbio entre os dois Estados limitrofes e aproveitamento de uma incalculável área

até hoje inteiramente abandonada por falta de meios de comunicação e de transporte.

Em fins de março de 1923, numerosa comitiva aportava em Cananéia, no vapor fluvial **Vicente de Carvalho**, com destino ao Varadouro, partindo no dia imediato até alcançar o último ponto navegável para o istmo, para aí proceder ao estudo e levantamento da planta do canal. Ainda desta vez, não se realizou a obra da abertura do mesmo canal. Numerosos documentos existentes no arquivo da Câmara atestam o interesse dos governos provinciais pelo magno problema que, graças à determinação da Inspetoria Nacional de Rios, Portos e Canais ficou solucionado no ano de 1954, com a abertura do Canal, ligando as águas de Ararapira (São Paulo), às águas das baías do Pinheiro e das Laranjeiras (Paraná), transformando o famoso Istmo em uma verdadeira Ilha, como aconteceu em Iguape com a abertura do chamado Valo Grande. Sôbre o assunto, veja-se o capítulo — Canal do Varadouro, na parte histórica.

RIOS.

O sistema potamográfico do município de Cananéia pode ser dividido em três seções a saber:

a). — rios originários da cordilheira marítima, que vertem suas águas para o Ribeirão de Iguape;

b). — rios originários dos morros e contrafortes da mesma cordilheira e que vertem suas águas no Mar Pequeno, Mar de Aririaia, Mar de Itapitanguí, baía de Trapandé e canal de Ararapira;

c). — rios existentes nas ilhas de Cananéia, Comprida e Cardoso.

Entre os primeiros, isto é, que tendo origem na Serra do Mar buscam o Ribeira de Iguape, destacam-se por sua importância:

Rio Guaraú, que forma um dos maiores saltos da região e servia de limite entre os municípios de Cananéia e Jacupiranga, nos termos da lei n. 2.253, de 29 de dezembro de 1927. Seus principais afluentes são: **Pindaúva**, **Pindauvinha** e **Canha**, que nasce no Morro Grande e desagua no Jacupiranga.

Além desses existem muitos ribeirões, cujas águas alimentam o curso do Guaraú e de seus afluentes (18).

(18). — De acôrdo com a última divisão territorial do Estado, pertencem hoje ao município de Jacupiranga.

Pertencem à segunda categoria, a começar do norte para o sul, vertendo suas águas no Mar Pequeno, os seguintes rios:

Rio Cordeiro, que assinala as divisas entre os municípios de Iguape e Cananéia. Procede da serra do mesmo nome, sendo navegável por pequenas embarcações. Seus principais afluentes são: **rio do Major**, **Cordeirinho de Cima**, **Cordeirinho** e **Caçú**, pela margem direita e **rio Prêto**, pela margem esquerda.

Rio Nanaú, a que outros dão o nome de **Ananaú** e **Paratiú**, quando este nada mais é do que o seu principal afluente pela margem direita.

Como o precedente, é navegável em grande extensão.

Rio Aririaia, um dos mais importantes do município. É originário dos contrafortes da Serrania que com este nome se destaca do sistema marítimo, aproximando-se do mar. É formado pela reunião dos rios Aririaia-mirim e Aririaia-assú. O primeiro recebe as águas do **Votupoca** pela margem direita.

O **Aririaia-mirim** tem como principais afluentes pela margem esquerda os rios: Itinga, que comunica com a lagoa Aririaia ao rio do mesmo nome e o **Verga**.

É navegável em grande extensão, desaguando no Mar de Itapitangú, que nesse ponto, por esse motivo, tomou o nome de Mar de Aririaia.

Rio Baguassú, de pequena importância, desaguando no referido mar.

Rio da Gamboa, de pequena importância, desagua no mar de Itapitangú.

Rio da Fôlha Larga, como o precedente, verte as suas águas no Mar de Itapitangú, próximo ao pôrto do Cubatão. É navegável em parte.

Rio do Barbosa, de pequeno curso, desagua no Mar do Cubatão, ou Itapitangú.

Rio do Bupéva ou **Ubupéba**, entre os rios do Pinheiro e o Itapitangú. Notável porque à sua margem foi começado o Colégio dos jesuítas no ano de 1601, cujas ruínas foram demolidas, sendo o material aproveitado para a construção dos pilares da ponte sobre o rio Aldeia.

Rio Itapitangú, nasce na cordilheira que lhe dá o nome, tomando o rumo de NO-NE. Segundo o dr. João Mendes, são seus afluentes os rios **Juirí**, **Cachoeira Grande** e **Taquaverutuca**. Para Moreira Pinto são: **Pedras**, **Aleixo** e **Bananal**.

No município, porém, são aquelas denominações desconhecidas e sim as de **Aleixo**, **Bananal**, **Itinga**, **Rio Branco**, **Rio Ver-**

velho, afluentes da margem direita; **Pasmado**, pela margem esquerda.

O rio Itapitanguí, que é um dos maiores do município, é navegável em canoas e tem um curso de 36 quilômetros.

Itinga, que significa água branca, nasce no morro do mesmo nome, contraforte da cordilheira e com suas águas é abastecida a cidade de Cananéia e o Cubatão.

Boacica, nasce no morro do mesmo nome e desagua no Mar de Itapitanguí, sendo navegável em pequena extensão.

Rio das Minas, um dos mais notáveis, não só pelo volume de suas águas como por seu fator histórico, pela descoberta de algumas minas de ouro, as quais, depois de perdidas, foram novamente encontradas no ano de 1725, pelo sargento-mor Antônio de Freitas Sobral. Nasce na Serra das Cadeias, ou melhor, do Cadeado, na direção de oeste para leste e lança as suas águas no Mar de Itapitanguí.

Entretanto, de franca navegação nos tempos provinciais, é hoje de difícil acesso, sendo por isso navegável apenas por canoas, e para o futuro ficará inteiramente obstruído pela falta de limpeza.

Seus principais afluentes pela margem esquerda são: o **Assunguí** (rio de água azulada), originário da serra do mesmo nome e o **Ipiranguinha**, onde existe um dos maiores saltos do município; pela esquerda recebe as águas do **Mandira**, originário dos contrafortes da serra de Itapitanguí.

Neste existe um grande salto, cujas águas ficando represadas por mais de um mês, deram lugar ao cataclismo que passou à história com o nome de **dilúvio do Mandira**, de que nos ocuparemos na parte histórica, ao tratarmos do Livro do Tombo.

Outro afluente importante do rio das Minas é o **Piranga Prêto**, hoje inteiramente obstruído, cujas águas, transbordando, formaram a região do **pantanal**, de difícil passagem e quase intransponível. Admitem alguns escritores que a malograda bandeira de Pero Lobo Pinheiro, para internar-se no sertão, teria seguido o curso do rio das Minas, contornando depois a do Cadeado, alcançando depois o planalto paranaense, rumo ao rio Iguassú, onde teria desaparecido.

Rio Taquarí, ou rio das **Taquaras**, segundo frei Francisco dos Prazeres Maranhão. Nasce na Serra Grande do Taquarí, com rumo oeste, percorrendo todo o vale do mesmo nome. Junto à foz deste rio, que fica ao fundo da baía de Trapandé, como que formando um pequeno delta, desaguam mais:

Rio Carapára, que em trabalhos oficiais aparece com o nome de Guapára. E' navegável em pequena extensão.

Rio Ipiranga, também de pequenino curso.

Rio Tabatinguára e não **Tabatinguéra**, como errôneamente o denominam alguns escritores. Navegável por lanchas de pequeno calado e canoas. Em suas cabeceiras, na antiga Fazenda de Tabatinguára, foi instalado no ano de 1917 o convento de Nova Lerina, que não chegou a subsistir, pelo falecimento ocorrido a 26 de julho daquele ano, vítima de um desastre, do abade Dom Maria Patrício Léron, da Ordem dos Cistercienses, cujos restos mortais foram mais tarde transferidos para a França.

Rio Cantagalo, que é alimentado pelas águas de diversos ribeirões. Segundo uma velha lenda, o seu nome provêm do fato de serem ouvidos cantos de galo em suas cabeceiras, quando ali não residia morador algum.

Continuando a costeira para o sul, e cujas águas, reunindo-se, formam o canal imprópriamente chamado — **Mar de Trapandé** — encontram-se ainda os seguintes rios:

Timopéva, de pequena importância.

Bombicho, a que outros dizem Bobicho, que desagua não na baía, mas sim no Mar de Trapandé.

Rios Tapinhoapinda ou **Itapinhoápima** e do **Cerca**, além de outros de pequenos cursos, cujas águas reunindo-se, formam o Mar de Trapandé.

As águas do referido braço de mar comunicam-se com as do canal de Ararapira formando a ilha das Laranjeiras.

Rio das Pedras, que lança suas águas no lugar chamado — Sambaqui.

Rio Capivarú, que desagua no lugar chamado Tumba, ou seja, Tombo das águas. Êste rio nasce nos contrafortes da serra de Tapinhoapinda ou Tapanhapina.

Os geógrafos assinalam ainda outros rios, dando-lhes nomes diferentes, como o rio **Carapára**, que no município é conhecido por **Guapára**, pequeno ribeirão que lança suas águas no canal de Ararapira, próximo ao rio Capivarú.

Rio Iririú, nos mapas da extinta Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo aparece o mesmo com os nomes de **Iririú de Cima** e **Iririú de Baixo**, não passando, entretanto, do mesmo rio Iririú, que nascendo no morro do mesmo nome, divide-se em dois galhos que correm para o Mar de Ararapira.

Rio Varadouro, que assinala a linha divisória entre São Paulo e o Paraná, sendo assinalado pelas cartas dos Reinel e portu-

lanos com o nome de rio Olagado, com a barra de Ararapira (19). E' um dos rios mais importantes do município de Cananéia, sendo navegável em grande extensão do seu curso. Estudando-o, desde logo assaltou-nos o espírito uma questão interessante, procurando investigar a nascente e o curso do Ararapira, importante não por sua grandeza como também por seu elemento histórico. E' esse embaraço surgiu-nos diante da confusão tantas vezes repetida em mapas e trabalhos, alguns dêles do século XVII, que trazem o chamado **rio Ararapira**, com o nome de **Varadouro**, enquanto que outros escritores chegam a dizer que o rio Ararapira nasce na serra da Cavóca e desagua por onde se escoam as águas da baía de Trapandé, como o fez Moreira Pinto, em sua **Corografia do Brasil**, o que não é verdade, porque as águas daquela baía buscam a barra de Cananéia. O rio Ararapira nasce na serra da Cavóca (20) com o nome de Varadouro. Com essa denominação percorre grande parte do Istmo do mesmo nome, servindo de linha divisória entre os dois Estados, com rumo NO para SE, até aproximar-se do morro do Gato. Daí por diante toma o rumo de sul, até alcançar o lugar denominado — pôrto do Varadouro — onde se volta, primeiro para leste, depois para o norte, recebendo então as águas dos rios Araçaúba, Araçaúpeba e Turvo; segue um pouco mais para o norte e torna para lesnordeste, desaguando no canal de Ararapira, depois de passar pelas vilas de Arirí, que fica à margem esquerda (São Paulo) e Ararapira (à direita), pertencente ao Paraná.

Sòmente depois de receber as águas do Araçaúba e de seus tributários, o Araçaúpeba e o Turvo, é que lhe dão, impròpriamente, o nome de **rio Ararapira**.

De um ofício do engenheiro Phelipe Hyppolito Aché, encarregado da Comissão de demarcação de limites entre as províncias de São Paulo e Paraná, datado de 19 de abril de 1876, consta o seguinte:

“...resolvi descer e ir por água a Ararapira, a busca dêste rio, também indicado na Serra Negra.

O rio Ararapira, conhecido aqui sòmente com o nome de Varadouro, nasce a uma parte montanhosa ligada a outra conhecida sob o nome de Serra do Cedro, que faz parte da Serra Geral do Mar; uma vez explorado êste rio até suas cabeceiras, cheguei a verdadeiros paredões graníticos impossíveis de transpor a quem não tem privilégio de água

(19). — **Diário de Pero Lopes**, Comentários de Eugênio de Castro, pág. 309.

(20). — E' essa a denominação dada pelos geógrafos, porém, no município de Cananéia se lhe dá a de Morro do Quilombo.

ou condor, pelo que resolvi remontar o rio Guarakessaba, à procura de um ponto onde tinha ouvido dizer que a linha telegráfica cortava a Serra Negra, etc.” (21).

Diz o dr. João Mendes ser o seu nome corruptela de **Y-rá-rá-pira**, significando “o duplamente assinalado” — alusivo a ser limite entre os tupis e carijós, conforme rezam as crônicas do século XIV.

Para outros, quer dizer — “sítio de peixes e araras” (22).

O dr. Teodoro Sampaio, porém, é de opinião que o nome — Ararapira — deve provir de uma espécie de araras, outrora muito abundante naquela região.

O rio Ararapira, depois de contornar a vila do mesmo nome, logo adiante, recebe as águas do canal, com as quais corre para o Oceano, onde forma a barra, ficando de permeio o istmo do Varadouro e a ilha do Cardoso. A barra de Ararapira tem bancos de areia e uma profundidade de 7 palmos na preamar, dando passagem a pequenas embarcações.

Se, como dissemos, parecia haver confusão quanto à denominação dêste rio que, para uns, é o mesmo Varadouro e, para outros, Ararapira, maior ainda se nos afigurou, depois de conhecida a sesmaria para a criação da vila, onde aparece o mesmo com o nome de **Indaiahy**, ou seja, rio dos Indaiás, a que nos referimos atrás, na parte referente às sesmarias concedidas no município de Cananéia, e para cujo documento chamamos a atenção do leitor.

Rio Araçáúba, que é o principal afluente do Varadouro, pela margem esquerda, tem como principais tributários, o Turvo, que nasce na serra de Taquarí e o Araçaupéba, originário do morro do Quilombo, os rios **Vermelho**, **Branco** e outros ribeirões. Nasce na Serra de Araçáúba e não na Serra Negra, como afirmam alguns geógrafos. O seu nome é corruptela de araçátuba — “sítio abundante em araçás”.

Ilha do Cardoso.

A grande abundância de águas na ilha do Cardoso conhecido primitivamente por — Itaquatiara — é devida a uma infinidade de cachoeiras que se precipitam do alto da morraria, dando lugar a um elevado número de rios que desaguam em sua maior parte no canal de Ararapira. Apesar da rápida elevação do lado do Oceano, onde, em muitos lugares, a serra é

(21). — Drs. J. Garcez e Ermelino de Leão, *Questão de limites entre São Paulo e Paraná*, vol. II, pág. 105.

(22). — Fr. Franciscó dos Prazeres Maranhão, *Glosário de palavras indígenas*.

quase à pique, não pequeno é o número de cachoeiras que aí se apresentam, cujas águas correm diretamente para o Atlântico. Nesta parte, o rio mais importante é o **Camboriú**, que lança as suas águas na praia, defronte da ilha do mesmo nome. É notável como propício para a pesca das tainhas, principalmente nos meses de maio e junho.

Em muitas ocasiões as areias da praia, tocadas pelas brisas do mar, fecham a sua barra, ficando os peixes bloqueados na parte interior até que pelo transbordamento do mesmo rio, devido ao acúmulo de águas que descem da montanha, sejam aquelas afastadas, rompendo-se novamente a foz.

Da barra de Cananéia para o interior da baía de Trapandé e acompanhando o canal, até alcançar a barra de Ararapira, os rios mais importantes são: **Perequê**, córrego do **Ipaneminha** e rio **Japaguareú**, que desaguam dentro da baía, sendo este último mais conhecido pelo nome de rio do **Sítio Grande**. Todos êles se acham próximos da barra de Cananéia.

No canal de Ararapira, seguindo para o sul, temos os rios **Jacareú**, **Assunguí-assú**, **Canudal**, **Sabiaco**, **Trapandé**, **Barreiro**, **Pedro Luís**, **Cachoeirinha**, **Cachoeira Grande**, **Bupéva**, das **Pedras** e rio da **Tapéra**, que lança suas águas na extremidade sul da montanha. Este último é tortuosíssimo, com vários canais que unidos entre si, formam um verdadeiro labirinto, onde, em noites escuras, até mesmo os moradores das redondezas se arreceiam de entrar, tão elevado é o número de bôcas ou falsas entradas.

Ilha de Cananéia.

Numerosos rios, todos êles de água salgada e mais ou menos extensos e navegáveis, sulcam o território desta ilha, destacando-se no extremo sul e desaguando na baía de Trapandé, o **Caiçuera** ou **Coayguera**, o **Guaraparí** (Rio da Fonte) e **Biguassú**. Rios que desaguam no Baixo: **Batatal**, **Aratú-mirim** e **Nhupaún**, defronte da barra de Cananéia e **Quebra-mangue** na costeira.

Rio Olaria, que desagua ao lado da cidade, entre a mesma e o morro de São João, sendo seu principal afluente o rio ou córrego do **Barril**.

Rio Maria Rodrigues, mais ao norte, desaguando no Mar Pequeno e, a seguir, o rio do **Jacó**; rios **Irapuá**, **Coticaen**, **Guaruví**, do **Jardim**, **Guaxixí** e **Cordeiro** (23), todos êles navegáveis, e que desaguam no Mar Pequeno. Em suas margens há

(23). — Não se trata de outro de igual nome, que está no continente, próximo ao Sabaúna.

grande abundância de madeiras de lei. Na parte ocidental da ilha, desaguando no Mar de Itapitangui, destacam-se os rios **Baiacú** e **Aldeia**, sobre o qual atravessam a linha telegráfica e os canos condutores do abastecimento de água da cidade; rios da Mariana que fica entre o Acaraú e o Saco do Saguassú, servindo de divisa ao sítio do Acaraú e **Irivitú**, o **Acaraú**, todos êles de pequeno curso. Existem outros menores como o **rio do Morto** e o **Boguassú**.

Ilha Comprida.

Os mais importante desta ilha, como já assinalamos atrás, é o **Condapuí** ou Canapoí, que nascendo defronte da cidade, percorre a ilha em quase tôda a sua extensão, de sul para norte, indo desaguar no Mar Pequeno.

Rio do Nóbrega, defronte de Cananéia, onde se encontra um interessante sambaqui, até hoje inexplorado.

Rio Boguassú, que como o precedente, lança as suas águas na baía de Cananéia.

*

Compulsando diversos trabalhos e documentos para que pudéssemos dar uma notícia exata sobre a parte geográfica do município, tivemos ocasião de verificar numerosos erros e senões, que corrigimos tanto quanto nos foi possível. Em geral os escritores limitaram-se a reproduzir informações nem sempre acertadas ou repetir inverdades contidas em antigas publicações.

Assim, por exemplo, vemos o vocábulo “Boguassú”, assinalando três ou quatro rios diferentes; “Itinga”, aparecendo em muitos dêles, para representar três rios diversos; morro da “Avenca”, assinalado na ilha do Cardoso, quando se encontra no continente, próximo à ilha da Casca.

Por isso, resolvemos adotar as denominações conhecidas e conservadas no município, como as únicas verdadeiras, desprezando mesmo certos trabalhos oficiais, onde constatávamos não só a dualidade, como a troca de denominações, até mesmo de lugares conhecidíssimos. E' lamentável a facilidade com que os responsáveis pela organização de trabalhos oficiais mudaram tais denominações, como aconteceu com o sítio Bupéva ou Ubupéba, lugar histórico, onde a 31 de dezembro de 1601 teve início a construção do Colégio dos jesuítas, que vem designado na carta oficial como “vila Isabel” e “Elêncio” — nomes de uma pobre cabocla e de um roceiro que ali residiram nos últimos anos.

Datando a fundação de Cananéia da chegada de Martim Afonso, ao mesmo pôrto, quase todos os seus recantos conservam nomes de origem tupi, como sejam: Acaraú, Aratuú, Araçáuba, Aratáca, Aririaia, Assungui, Biguassú, Bopúca, Brocuanha, Caguassú, Camboriú, Guará, Guaraú, Guaxixi, Guaratuba, Irapuá, Irirí, Itacurussá, Indaiatuba, Jacareú, Jurúba, Jabaquára, Juruquessaba, Nhupaun, Nhundiaquára, Paratiú, Pindaúva, Tabatinguéra, Tajúva, Trapandé, Vamiranga e muitos outros.

Infelizmente, porém, no trabalho a que nos referimos, tais denominações foram substituídas pelos dos proprietários das terras ou dos que ali residiam. Assim é que em seu lugar aparecem:

Agostinho, em vez de Juruvaúva; **Lindolfo**, em vez de Juruquessaba; **Simões**, em lugar de Japaguareú; **Antônio Inglês**, em vez de Iririú; **Zacarias**, **Pacheco**, **Pacífico**, **Jesuino** e outros muitos, que deixamos de mencionar.

Por outro lado, temos de assinalar a deturpação de certos vocábulos, como “Itajube”, em vez de **Tajúva**; “Bobicho”, em vez de **Bombicho**, etc.

Além disso, designações erradas, como sejam:

- **Praia de Fora**, dada à praia de Itacuruçá, quando aquela fica na ilha Comprida;
- **Ponta da Praia**, para a Ponta da Trincheira (Pontal da Trincheira);
- **Ponta do Perigo**, que ficando fora da barra, foi dado à **Ponta da Prainha**, no interior da baía de Trapandé; no extremo sul da ilha de Cananéia;
- **Mar de Cananéia**, ao Mar Pequeno;
- **C. do Fagundes**, dado ao rio Cangury;
- **Rio Trapuá**, ao rio Irapuá além de outros, que deixamos de mencionar.

MARES.

O município de Cananéia é banhado a leste pelo Oceano Atlântico, numa extensão de 96 quilômetros de costa. Os mares e baías interiores são:

Mar Pequeno, que passa pela frente da cidade, estendendo-se para o norte, até a cidade de Iguape. E' de forma irregular e tem 22 quilômetros de extensão, com uma largura variável de 300 a 1.500 metros, conservando o nome de baía de Cananéia, defronte da cidade. Era, segundo Cândido Mendes, chamado Paraná-mirim pelos índios e tem uma profundidade que vai de 8 metros até 30 ou mais ainda, constituindo magnífico ancora-

douro para as embarcações que aí navegam. Comunica-se para o sul com a baía de Trapandé, que fica ao ocidente da barra, entre a ponta boreal da ilha do Cardoso e a barra do rio Taquarí, ao fundo.

Mar de Trapandé, entre o continente e as ilhas da Casca, Biguá, Laranjeira, Tumba e outras menores.

Mar de Ararapira, ou canal, que fica entre as mesmas ilhas e a do Cardoso.

Mar de Itapitanguí, comunicando-se ao sul com a baía de Trapandé e ao norte com o mar do Cubatão. Fica por detrás da ilha de Cananéia e tem uma largura que varia até 2.500 metros, oferecendo magníficos ancoradouros.

Mar do Cubatão, entre os mares de Itapitanguí e de Aririaia, mais ao norte. E' profundo e seguro, como os demais, tendo uma largura que varia de 250 até 1364 metros e extensão de algumas léguas (24). Este mar nada mais é que a continuação do anterior, dando-se-lhe o nome de Cubatão pelo fato de existir aí um vilarejo ou povoado com êsse nome e que teve nos tempos provinciais como padroeira a Imagem de Nossa Senhora do Monte, por achar-se defronte da serra de Itapitanguí. Do povoado, parte uma estrada, ligando a cidade do interior e em continuação a que parte de Cananéia para a Capital. A travessia no Cubatão é feita por meio de **ferry-boat**, com capacidade para dois carros, além de passageiros, serviço êsse que pertence ao Departamento de Estradas de Rodagem.

A primitiva estrada era denominada — da ex-Colônia — e tinha 18 quilômetros.

Mar de Aririaia, é o mesmo mar de Cubatão em seu prolongamento para o norte, tomando êsse nome devido ao rio Aririaia que aí desagua. Volteando à ilha de Cananéia em seu extremo norte, vai comunicar-se com o Mar Pequeno.

Neste mar, no lugar denominado — Tito — encontra-se a menor distância entre a ilha de Cananéia e o continente, calculada em 200 metros. Sendo tombo das águas, a profundidade é mínima, não atingindo a seis metros nas marés médias, e como nas margens existam pedras em abundância e alguns sambaquis, fácil seria a construção de uma ponte ligando a ilha ao Continente.

Entre êsses sambaquis, está o da Aroeira, que foi objeto de estudos pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado.

(24). — Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. II, pág. 39.

LAGOAS.

Diversas lagoas são encontradas no município, nenhuma delas, porém, de importância, a não serem as de **Aririaia**, ligada ao rio do mesmo pelo ribeirão Itinga e a **Lagoa Grande do Taquari**. Outras, entretanto, existem, como sejam a do **Pico do Cardoso**, assinalada por vários escritores, pela curiosidade que representa de ser morna e salobra a sua água; **Tabatinguára** e **Itacurussá**, no morro da Avenca, “cujas águas, diz Moreira Pinto, tornam-se mornas”.

SALTOS E CACHOEIRAS.

Numerosos saltos e cachoeiras existem não só no continente, como também na Ilha do Cardoso. Os mais importantes são: **Mandira**, **Ipiranguinha**, **Rio Branco**, no morro do mesmo nome, com 30 metros de altura e o volume de um metro cúbico de água por segundo, na época da estiagem; **Pindaúva** e **Paratiú**.

Existem outros menores, nas serras de Taquari, Cadeado e Itapitanguí.

Quanto às cachoeiras, são inúmeras, principalmente na Ilha do Cardoso e bem assim tôdas as serras do município. De muitas delas se aproveitaram principalmente os antigos moradores da Ilha do Cardoso, como fôrça motriz para os seus engenhos de pilar arroz, de moagem de cana, de serrarias. Entre as mais importantes desta ilha citaremos: **Jacareú**, **Cardoso** ou **Assunguí-assú**, **Canudal**, **Barreiro**, **Pedro Luís**, **Barreirinho**, **Boipéva**, **Cachoeira Grande** e **Tapera**.

CANAIS E FURADOS.

Dois são os canais existentes no município: o do **Tumba**, no mar de Ararapira, dando passagem entre a Cachoeira Grande e Cachoeirinha e formando a ilha do Tumba. Foi aberto no ano de 1837, por iniciativa do prefeito de Cananéia, o sargento-mor Joaquim José de Oliveira.

Canal de Aroeira, cortando o extremo norte da ilha de Cananéia, para dar passagem entre o Saco do Jaruvaúva Pequeno e o mar de Aririaia.

Os mapas oficiais assinalam também o canal do **Coty-caen**, atravessando a Ilha de Cananéia e que não existe, tendo sido projetado apenas, para ligação das águas do Mar Pequeno com as do Mar do Cubatão.

Em muitos pontos do município observam-se vários **furados** de maior ou menor importância, como os que se interpõe entre a ilha das Laranjeiras e o continente; entre as ilhas de Guara-parí e Cananéia; de **Guapára**, na barra do rio Aririaia-assú, do **Pai Matos**, entre a ilha do mesmo nome e a de Cananéia, além de outros junto às barras dos rios da Tapera, Taquarí e outros.

SAMBAQUIS.

Antigo pôrto dos tupis que aí possuíam vários aldeamentos, um dos quais se achava no local onde mais tarde teve assento a povoação de Ararapira em 1769, sob a invocação de São José da Marinha, não é para estranhar-se, pois, o elevado número de sambaquis existentes nesta região, e bem assim a extensão das áreas por eles ocupadas.

Por outro lado, é de presumir-se que os habitantes de outras aldeias situadas longe do mar, em certas épocas do ano descessem ao litoral em busca de alimentos para sua subsistência, demorando-se durante algum tempo nas proximidades das praias.

Daí, segundo a opinião de vários escritores, a origem dêses enormes casqueiros ou sambaquis que constituem verdadeiros monumentos de nossa história.

Em Cananéia são êles abundantes, achando-se espalhados pelas ilhas Comprida, Cardoso e de Cananéia, além de outros, em vários pontos de continente.

A própria ilha da Casca, pequeníssima e destituída até mesmo de água, não passa de um sambaqui, como a ilha do Berbigão, no Mar de Aririaia, de onde a conclusão de muitos estudiosos, de que muitos dêles devem ser considerados como de formação natural, isto é, pela ação da natureza, enquanto que outros devem a sua formação aos chamados “restos de cozinha”.

Dos mesmos se serviam os naturais do país para o sepultamento dos seus mortos, motivo pelo qual nas escavações aí realizadas, encontram-se esqueletos e até mesmo utensílios dos índios. Entre os mais importantes sambaquis de Cananéia citaremos: Sambaqui-mirim, no canal de Ararapira, Sambaquis de Cachoeira Grande e do Japajá, na ilha do Cardoso, do Tapihoapinda e outros menores, nessa região do município. Na Ilha de Cananéia são êles numerosos, como os do Brocuanha, Mosquiteiros, da Aroeira, etc. Na ilha Comprida também são constatados muitos, dos quais, por sua grandeza, citaremos o do Rio do Nóbrega, do Boguassú, Vamiranga, além de muitos outros, pois tão numerosos são êles, que a cada passo são encontra-

dos disseminados pelas margens dos mares e canais, formando verdadeiros morretes, cobertos de vegetação.

Em sua maior parte são formados não de cascas de ostras, que são abundantes em tôdas as costeiras, mas sim de berbigão, pequenos moluscos acéfalos, que, se não são totalmente desconhecidos, pelo menos são raros em Cananéia, observando-se que somente nas ocasiões de fortes ressacas são lançados às praias pelas ondas do Atlântico.

Monumentos do nosso passado histórico estão os sambaquis desaparecendo rapidamente, pelas devastações de que estão sendo objeto por parte de pessoas estranhas que, amparadas pela atual legislação federal, dêles se vem aproveitando para usos diversos. Sôbre os sambaquis do município já tivemos ocasião de escrever pequena memória (25).

VULCÃO.

Das **Memórias Memoráveis**, ou sejam as Memórias da Câmara da Vila de Cananéia, de que trataremos na parte histórica, consta uma interessante notícia sôbre o aparecimento de um fogo no cimo do morro do Mandira, o que nos leva à suposição da existência de vulcões em Cananéia, onde por mais de uma vez verificaram-se fenômenos dessa natureza, como é fácil demonstrar-se à luz da História. Por outro lado, observaram-se em diversas ocasiões vários tremores de terra, o primeiro dos quais, referido pelas **Memórias**, teve lugar ao anoitecer do dia 9 de maio de 1789, quando foi ouvido

“um estrondo subterraneo com movimento da terra, que durou dous minutos”, “rugindo á imitação de uma perra couceira em sua revolução”,

afirmando pessoas dignas de crédito que

“a terra lhes pareceu se queria fundir, e outros cantaram que se não puderam ter firmes em seus pés e que sentiram a terra movediça”.

O que foi êsse abalo é o que nos diz o **Livro do Tombo**, como adiante se verá. Quanto ao aparecimento do fogo nos cimos da cordilheira, disse o **Correio de Cananéia**, em suas edições de 6 de agôsto de 1922 e de 10 de agôsto do ano de 1923.

(25). — In **Revista do Departamento de Cultura**, vol. XVIII.

“Tres anos fazem que, de um dos cumes alterosos do Itapitanguy, grossa columna de negro fumo elevando-se em perpendicular, alarmava os habitantes daquellas immedições.

“Qual fosse a sua origem, ainda hoje ignoramos, apesar dos comentarios que se bordaram em torno do facto.

“Após dois mezes de tempo claro e secco, sem que nenhuma accumulção de nuvens viesse denunciar mudanças na athmosphera, — na manhã do dia 5 de Agosto de 1919, pelas 6 horas, em grande extensão do territorio atravessado pelo Rio das Minas, foi observado um ruido extranho, semelhante ao produzido pelo disparo de um tiro de canhão ouvido ao longe ou, segundo affirmavam outros, como o rumor das trovadas.

“Em certos pontos chegaram mesmo a presentir tremor de terra tão pronunciado, que em casa de um dos habitantes dessa região, um pequeno espelho pendente de uma parede foi ter ao chão quebrando-se.

“Do cume ponteagudo da cordilheira, viu-se então, elevando-se no espaço, numa altura de muitos metros, grossa fumarada negra, que toldou os ares, arrastada pelos ventos de terra.

“Pela manhã do dia 7 o phenomeno, que assumira maiores proporções, era observado claramente pela população desta cidade, que, attrahida aos campos se demorava na contemplção do mesmo, que parecia estar localizado entre as serras do Itinga e Rio Branco, a noroeste da cidade.

“Mais densa ainda, era a columna de fumo no decorrer do dia 8, notando-se durante a noite mixto de fumo e fogo.

“Foi só então que desabou o temporal, impedindo que se continuasse a observar o espetaculo.

“O apparecimento do fogo mysterioso nos cumes innaccessiveis dessa cordilheira, não é um facto sem precedentes, como por algumas vezes temos affirmado.

“Assim, se consultarmos a historia de nossa terra, notaremos que no anno de 1784 o **cabeço do monte Mandira foi visto por tres dias e tres noites, lançar de si conhecido fumo, mixto com labaredas** (26).

“E que ponderando qual tivesse sido o motivo d’aquelle incendio, não lhe puderão attribuir **causa humana**, por ser o logar innaccessivel e pedregoso, não facilitando entrada a quem quer que fosse para **divertimento ou extrahição de algum mysterio**.

“E a opinião de quantos tiveram oportunidade de apreciar o phenomeno, foi de que não se poderia deixar de presumir a existencia de um vulcão, porque, de **outros**

(26). — Livro do Tombo, noticia referente ao anno de 1784.

montes se contava por essa ocasião, que também costumavam vomitar fogo.

“Ainda, no anno de 1889, no morro do Pindaúva, comprehendido dentro da mesma área, “teve lugar uma erupção vulcanica”, mais ou menos violenta, como se vê da descripção feita nessa época pelo **Echo Cananeense**, de 17 de abril do mesmo anno”.

A notícia a que se refere o **Correio de Cananéia** é a seguinte:

“No morro do Pindaúva, deste municipio, deu-se uma erupção vulcanica no dia 10 do corrente, atirando monstros pedaços de pedras a grandes distantes.

Antes da erupção, ouviu-se aqui na villa, que dista desse morro tres leguas mais ou menos, um estampido surdo”.

*

Em 19 de agosto de 1923 o mesmo **Correio** voltava ao assunto, resumindo os fatos observados nos anos de 1784, 1889 e 1922, acrescentando:

“Desde o dia 14 do corrente, vem chamando a atenção da população desta cidade, o apparecimento de grossa fumarada, que se eleva no cimo do morro Rio Branco ou em local situado entre este e o Itinga”.

“Em a tarde do dia 14, um communicado telegrafico expedido da estação telegraphica de Itapitanguí, naquelle região, denunciava a apprehensão dos habitantes do mesmo lugar, em face da violencia das chammas, que se elevavam á grande altura.

“Boatos desencontrados não nos autorisam a uma informação exáta, limitando-nos por isso a noticial-o.

“A verdade, entretanto, — e que está sendo observada pela população desta cidade, — é que, desde o dia 15 á tarde, duas enormes columnas fumarentas, semelhantes ás que são expellidas por altas chaminés, elevam-se do cimo do morro do Rio Branco tendo augmentado de violencia, hontem durante o dia.

“A’ noite o espetaculo tem sido verificado por numerosas pessoas, que procuram os pontos principaes, donde são avistadas as chammas.

“No dia 16 a officialidade do cargueiro **Miranda**, do Lloyd Brasileiro, procurou verificar o facto comapparelhos de bordo, tendo estabelecido as seguintes coordenadas: “Latitude 24° 57’ 00” Sul, Longitude 47° 59’ 45” W, por 45° NE. verdadeiro. Altura de chamma tomada ás

15 horas (vista sobre a serra de Itapitanguí) 175 pés.
Distancia de 9877 metros”.

*

Referindo-se ainda ao fenômeno ocorrido em 1922, citava o testemunho do sr. André Marques de Assis, comerciante, residente no bairro do Itapitanguí, que havia mandado camaradas, a fim de examinarem o que vissem, tendo os mesmos observado que

“de um local profundo, situado entre duas pontas de morro, no alto da cordilheira, surgia fogo violento, notando-se que a terra como que roncava e tremia nesse ponto”.

Outra testemunha que foi fazer declaração perante a redação do referido jornal, sr. Antônio Jacinto de Godoy Filho, lavrador, residente no lugar denominado Rio do Salto (do Rio Branco), no sopé do morro onde se verificava o fato, disse que

“regressando para sua casa na tarde do dia 15, de volta do lugar denominado Cedro, em caminho observou grossa fumarada que se elevava, como que saindo por uma chaminé, da proximidade de uma grotta situada em ponto inacessível do morro do Salto, fronteiro à sua casa, que acompanhado dos srs. Manuel Maciel e de um filho dêste, chamado Pedro, pelas 15 horas tentaram subir pelas fraldas do morro, notando, entretanto, que as chamas à noite eram muito elevadas, calculando-as em cêrca de 30 metros acima das matas”.

Outras tentativas foram empreendidas, como a que foi chefiada pelo então delegado de polícia da comarca, dr. Álvaro Orosco, sem que de nenhuma delas pudessem os seus componentes atingir o cume da serra.

*

Do exposto claramente se deduz que algo de importância deve haver nos fenômenos que, há mais de um século, vêm se repetindo, não só quanto ao aparecimento das chamas, ora neste, ora naquele cume dos diversos contrafortes da cordilheira, como também com referência aos tremores de terra, não menos freqüentes, como os de 9 de maio de 1789, de 5 de agosto de 1829, além de outros, e sobretudo o de 18 de julho de 1946, que o **Diário de São Paulo** de 19 do mesmo mês noticiava, dizendo:

Cananéia, 18 (Do correspondente). Pelo telégrafo — A população desta cidade foi hoje, por volta das 4 horas da madrugada, despertada por forte tremor de terra. Não houve danos nem vítimas”.

E comentando a referida notícia acrescentava:

Causou alarma.

“Informações colhidas ontem, nesta capital, pelo **Diário de São Paulo**, a respeito do abalo sísmico que se verificou naquela cidade do litoral sul do Estado, e obtidas com passageiros do ônibus que corre de Iguape a esta capital, dizem que, realmente, o tremor de terra, sentido durante longos segundos, causou alarma na pacata população local que, pela madrugada, saiu às ruas assustada.

Os prejuízos.

Não se verificaram, porém, acidentes pessoais, ou danos materiais. Comentando o fenômeno, os nossos informantes disseram que, somente à solidez dos prédios tricentenários da cidade se deve o fato de não se terem verificado desabamentos. Apenas a torre da caixa d'água do Entrepasto Federal da Pesca, do Ministério da Agricultura, ali existente, sofreu um pouco com o abalo.

Procurando, ainda, outras informações, soubemos que o fenômeno não foi assinalado no Observatório Meteorológico, desta capital”.

(Continua no próximo número).

ANTÔNIO PAULINO DE ALMEIDA

da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo.